



ORERAMOITOA PORONGETAKWERA AWAETE WYRAPINA PARAKANÃ

ASSIM CONTAVAM
NOSSOS AVÓS

Xeteria Parakanã
Maria Cristina Macedo Alencar



ORERAMOITOA PORONGETAKWERA AWAETE WYRAPINA PARAKANÃ

ASSIM CONTAVAM
NOSSOS AVÓS

Xeteria Parakanã
Maria Cristina Macedo Alencar

2025



ORERAMOITOA PORONGETAKWERA AWAETE WYRAPINA PARAKANÃ

ASSIM CONTAVAM NOSSOS AVÓS

Organização

Xeteria Parakanã

Maria Cristina Macedo
Alencar

Narrador

Xeteria Parakanã

Tradução do Awaete- Parakanã para Português

Tarana Parakanã

Taono Parakanã

Taoná Parakanã

Revisão dos textos em Português

Maria Cristina Macedo
Alencar

Raquel Araújo Souza

Ilustrações

Professor Taono Parakanã

Professor Taoná Parakanã

Cacique Xeteria Parakanã

Edição dos desenhos

João Leno Pereira de Maria

Jéfter Neri

E as crianças

Aneia Parakanã

Aweana Parakanã

Aweto Parakanã

Awiri Parakanã

Ehano Parakanã

Enenang Parakanã

Keorana Parakanã

Manito Noaka Parakanã

Noheto Awake Parakanã

Oneta Parakanã

Xoiwara Parakanã

Yone Parakanã

Y'ana Parakanã



Realização

Povo Parakanã – Terra Indígena Parakanã (PA)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) –
Coordenação Regional do Baixo Tocantins
Museu do Índio

Financiamento

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/Pró-
Reitora de Extensão – PIBEX 2021-2022
Projeto de valorização e fortalecimento da Língua
Awaete-Parakanã.
Coordenadora: Maria Cristina Macedo Alencar
Bolsista: Raquel Araújo Souza
FUNAI - Programa Parakanã
Museu do Índio

Diagramação

Traço Leal Publicidade e Assessoria Ltda

Impressão

Gráfica Imprimindo Conhecimento

Projeto

Oreramoitoa Porongetakwera. Awaete Parakanã:
Histórias que os nossos avós contavam

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Maria Cristina Macedo Alencar
Raquel Araújo Souza

FUNAI - Coordenação Regional do Baixo Tocantins

José Ricardo Totoré (Coordenador Regional)
Richelly Costa (Assistente Técnica)

Programa Parakanã

João Felipe Raulino Costa (Gerente)

Museu do Índio

Fernanda Kaingáng (Diretora)
Eduardo Rocha Barcellos (Coordenador de
Divulgação Científica)
Sayuri Aragão Fujishima (Chefe do Serviço de
Estudos e Pesquisas)

398.209981
P222

Museu Nacional dos Povos Indígenas

Oreramoitoa Porongetakwera Awaete Wyrapina Parakanã: Assim contavam
nossos avós / organização de Xeteria Parakanã, Maria Cristina Macedo Alencar. Rio de
Janeiro: Museu Nacional dos Povos Indígenas, 2025.
149 p.: il. Color; 21 cm

Texto em Língua Portuguesa e Awaete-Parakanã.
Projeto de valorização e fortalecimento da Língua Awaete-Parakanã.

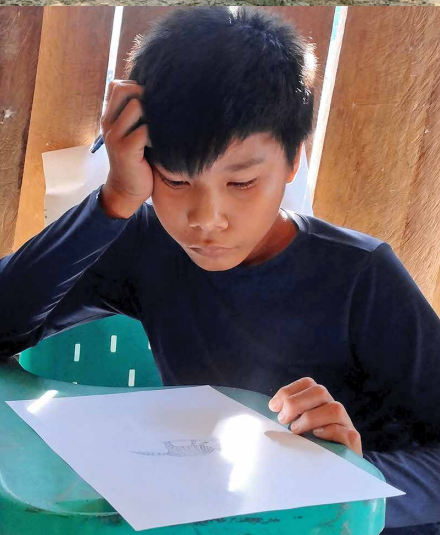
ISBN 978-65-988267-1-0

1. Povo indígena Awaete-Parakanã. 2. Filosofia e Mitologia Parakanã. 3. Linguagem
Awaete-Parakanã – Escrita. 4. Cultura indígena – Brasil. 5. Línguas indígenas – Preservação.
I. Alencar, Maria Cristina Macedo. II. Parakanã, Xeteria III. Título.

CDD: 398.209981

25-00002

Ficha Catalográfica elaborada por:
Wagner Leandro Rabello Junior – CRB-7 007633/O



ÍNDICE

MOROGETA KWERA	5
APRESENTAÇÃO	6
OROKOREA	10
XAYGA E TATORAROA	18
ARARA PORONGETAKWERA	28
Inaxa	33
Tororia	35
Xakareohoa	37
Hakaohoa	42
Tapi'irawa	47
Tatohoa	49
Awaete awyra	52
Xawarawa	54
HISTÓRIA DA CORUJA	70
A LUA E O TATUPEBA	82
A HISTÓRIA DA ARARA	90
O pé de Inajá	98
O encontro com Tororia	102
O jacaré gigante	106
O Socó	110
A aldeia da Anta	117
Na aldeia do Tatupeba	121
De volta à aldeia dos parentes	125
Na aldeia da onça	128

MOROGETA KWERA

Morogeta kwera oro apo konomitoa pe tom ixope oroxa, ae pota iapopapa oromana xoporemo awyra pe tom imopinimawaranga pope toenoi aka imopinimara ma'e hetaewe morogetakwera xene apote konomia pe ae ramo oro apo xere xeoqe xoporemo ae pota iapopapa xowe imo'ay'ina aeke morogeta pexe xeoqe iaramo pamararangeme inon katoeteo imopinimara.

Noro wepy'aowihi morogeta toria pe xere xeoqe oro apo, ymawe xekwehe toria iapoi xene porogeta oxeoqe xowe iwepyo einonyym ta oro apo inonamo wixe oromo myro moromoenara UNIFESSPA e FUNAI pyriwara torepotywone ia po documento oroxa taiwepypyreme oroxa ikatoramo xe neope morogetakwera konomia pewe.

Xeteria Parakanã





APRESENTAÇÃO

Todos os povos têm narrativas que fundamentam sua forma de viver e agir no mundo. Essas narrativas expressam os conhecimentos e as filosofias de cada sociedade. Neste livro o leitor encontrará algumas das muitas histórias que os Awaete-Parakanã têm transmitido ao longo das gerações e que expressam as formas que essa sociedade indígena significa as relações na sua própria sociedade, as relações construídas com os não indígenas e sua relação com os demais seres da natureza. Somos apresentados à filosofia Awaete-Parakanã por meio das histórias que Xeteria ouviu do seu pai e aqui nos conta.

Esse livro tem fundamental importância para os Wyrapina Parakanã, um dos dois grupos Parakanã que hoje vivem na Terra Indígena Parakanã, no sudeste do Pará. Esse registro escrito da mitologia Parakanã possibilita a ampliação das práticas de letramento na língua falada pela comunidade. Produzido e organizado ao longo dos anos de 2021 a 2023, em oficinas realizadas na Aldeia Paranoá, com a participação das crianças e jovens da aldeia e orientadas pelos professores Tarana, Taono e Taoná Parakanã, filhos do Cacique Xeteria, a escrita das histórias na língua Awaete-Parakanã resulta de muitas horas de diálogo e reflexão desses professores sobre o atual sistema de escrita da sua língua.

O livro, portanto, é um primeiro passo na constituição de práticas de escrita na língua Awaete-Parakanã significativas

para a comunidade, contribuindo, assim esperamos, para o desenvolvimento de uma tradição escrita nessa língua. Tornar cotidianas as práticas de escrita na língua falada pela comunidade se apresenta como um importante instrumento de fortalecimento e valorização da língua-cultura Awaete-Parakanã.

Nosso trabalho enquanto assessoria linguística incidiu especialmente em provocar a reflexão dos escritores Awaete-Parakanã sobre a forma mais eficiente de representação gráfica da sua língua, tendo em vista tornar a prática de escrita na língua Awaete-Parakanã mais acessível para as crianças em fase escolar e para todas as pessoas já alfabetizadas na comunidade. Todas as decisões sobre a escrita na língua indígena foram tomadas pela comunidade. Afinal são os falantes, mais que os assessores linguísticos, que em última instância devem deliberar sobre as políticas de normatização de sua própria língua.

O registro escrito, em língua indígena e em língua Portuguesa, das narrativas Awaete-Parakanã é algo importante para o próprio povo indígena, mas também para nós que somos presenteados com a oportunidade de conhecer outro modo de significar e dar sentido ao mundo onde vivemos. Esperamos que este seja o primeiro de muitos outros materiais escritos na língua Awaete-Parakanã com o qual somos brindados pela generosidade desse povo.

Maria Cristina Macedo Alencar



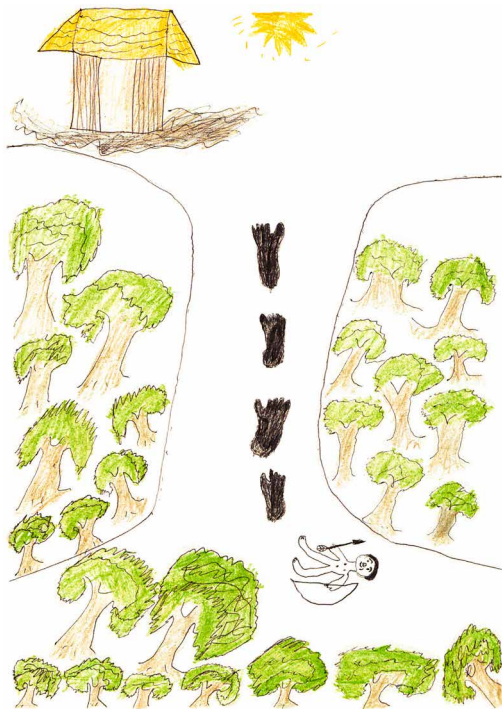


OROKOREA

Amomeopota xerexamoitoa porogetakwera penope inonga ymawe xekwehe. Namaetywihi ypytona aka ixope arimo oketa aka orokorea xowe. Oketa aka ypytomi mom ixohi, aka maete okwaham, aka amomeopota. Orokorea porogetakwera penope ymawarera ypytona rera ymawexekwehe namaetywihi ypytona xeneramoitoape ymawe hekai ypytona, arimo oketa aka xekwehe, aka xeneramoitoa aka.



Aha xekwehe oatao owahema
 hexaka orokorea rakykwera.
 Awaparike kwe aha koi mote
 ema'e ka ihaohoi pexe xaexan,
 imana oxa ixope awaohoa
 parike, imana hakykwera
 imowahema. Iawyra pope
 oxe'eka ixope
 awaparike awaka.



— Ixe orokorea. Orokoreahoramo. Ixe tywakwai erexapa toroexane eokwe aha pota nerexaka e'omoweke xeope toroexane weha xe akate neohi wetekoxaneto awaipa ene.

— Ixe awaeteramo miaga katoete.

— Pexapa pexekeo hexaka xe awyra okeo iawyripe aha oxeretoma wetekoxaneto hexaka.

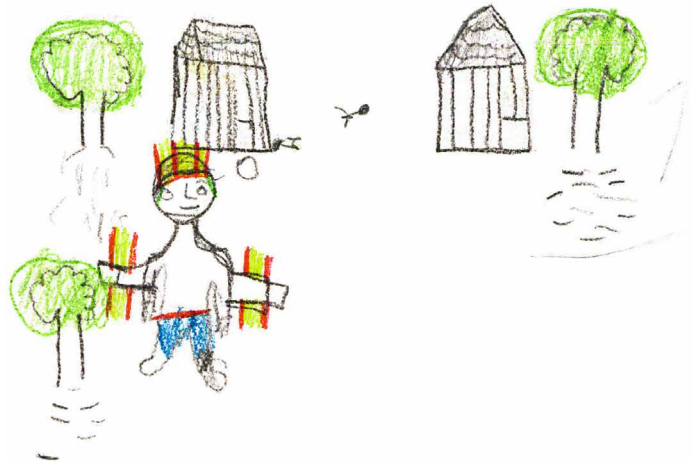
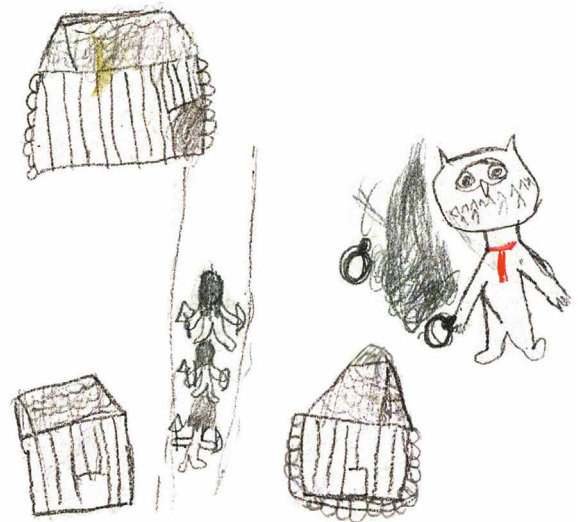
— Koxa maepa mioho wetoty maeramopa erenogoho koxa.

— Ypytona areka koxa pope wexeope. Ixe marawixe pa ereken eka wetekoxan.

— Arimo oroken araka ore.

— Ypytonimo aken weka ix.

— Eremoramopa oreope amoa torowerahane oroxeope wetotyn torokene nera aka ypytonimo nepyri araka arimo oroketawy'ymahi torokene nera aka.



— Amana pota penope pehe
heraha katoramo.

— Oremoeipe wixe.

— Amoepota awa pexan amoa.

— Ongapota oroweraha.

— Ixytaohoa namanaowihi eowyna
ipokoete ypytona rowohoa eowy'i
eremoxepoxykarapo xerexeope
ypytona rowohoa eokwe
nerekwahawihi
eremoxepoxykarapo xerexeope
ypytona rowohoa eokwe
nerekwahawihi herekatawa a'e
ramo namanaihi penope
pemoxepoxykarapo
xerexeope ypytona.



— Oremoeipewixe miatyrag.

— Amoepota awa pemaeteke hehe pexe
xeope apiawanta.

— Ere ipiawaka.

— Xekwehe ypytona anga pope, ypytona anga
rowaypype xowe, ypytona ixoka ypytona koxa
pope. Ere ene ixokano erekwahapa awaete ixoka
ypytona koxapope. Oma'eo o'oma orokorea
he hexerike erekwaham.

— Orokenta nera'aka ypytonimo.

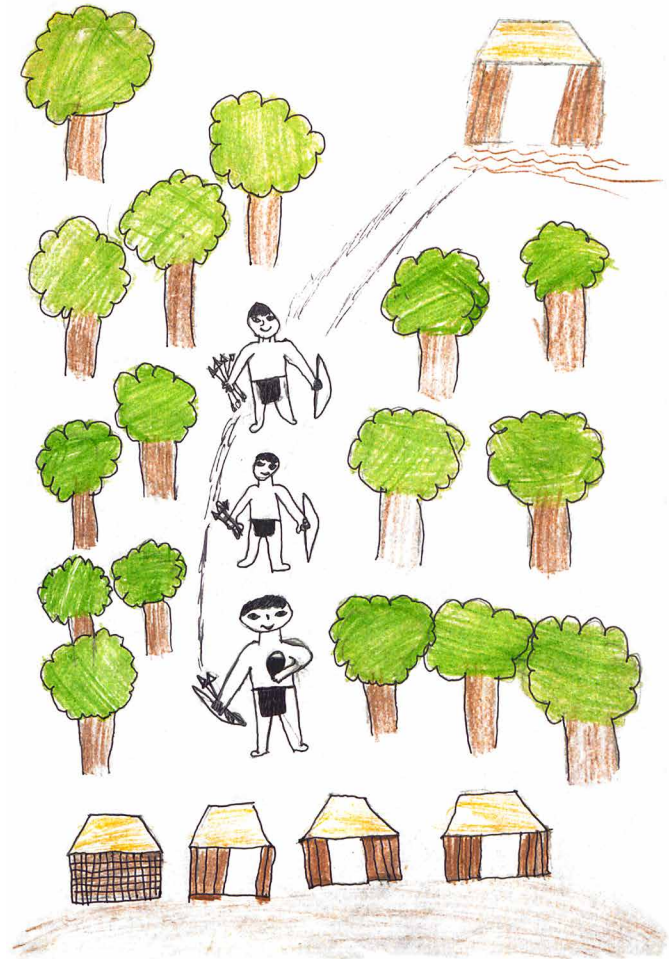
— Pexakato ke herekano
pemoxepoxykarapo ypytona
xerexeope xano pemaemeke
konomitoape hyroa xerexeope.



— Arahapota miatyrag toroene oroketa nera'aka.

— Karopawamo pepiawagemeke napoke otopapa oata wae awyripe pemoxetanogapo hakwapetyma ypytona ixohi.

— Xowe oxewyta aha
wakykweraropi xekwehe
awyripe imomeo oroexan
orokorea ypytonimo ikeri aka
xeneohi oroweron xerexeope
xakerame pota ypytonimo
xereka karom xekwehe amo
ypytona taeneweketa
otopapa goa norihiwe amoa
napo otopapaypy
oakopetymapo ypytona
oporemoyroeteo ipiawaka
opypytonamo oatawae
aoxerom oapokaita tatamo
peron oreope oxa heraha.



— Ixope kanyna imomeo
sekwehe. Ixope oxepexowe
eken ipokohorapo ypytona
xerexeope a'e einonta
oxepexowe pota aken
xowe okoemano
kowi maeramopa.

— Nakoemihi kowi
aken xokwen rike
taken pa ne wexa
oxepexowe eken i'i
ne orokorea no
xeneope no.



— Konomia aka awyripe
oxepewei aronwe
xepeawamo epyhygemeke
ypytona
erekarapo xerexeope.

— A'e katoete i'ite ohyape
ipyhyka ipamamata
ikao koxa.

— Oxona ihya ota erekapa
ypytona ryroa xerexeope.

— A'e aka.

— Aoxe aene neope no
xerexakopetymipe ypytona
pe xoporemo oxearakao aka
nakoemaowhipa oxa pexe
xaken hexaka tepaxawy'yime
okoemamo xekwehe ixope
koem pa xeneope koi katoete
ikatoramo eomia.



XAYGA E TATORAROA

Xerexamoitoa xayga i'wotawera pota amomeo penope ymawe hekwehe xeneramoitoa i'ywoi tarahane ywang me oxan hekwehe. Oxepehowe tatoraroa ywyrapara wereka hatoete wa'e xekwehe henopa tatoraroa ma'e repa goa hekai oxan.

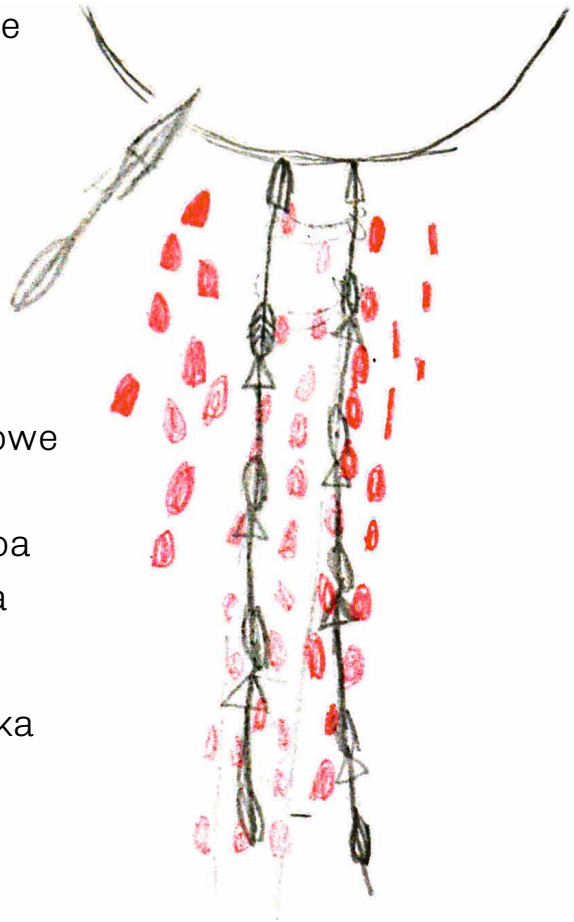


— Xayga o'awy pane hereka tarahane
ywang me oxan. Xowe i'ywoymeteo
xayga pexe'en Tatoraroa ton i'ywo
xeneope xayga eokwe
i'ywyraparatohowae aha ixope
oxe'eka e'ywoexata oreope xayga.

— Aha xekwehe ipyri maepexepa.

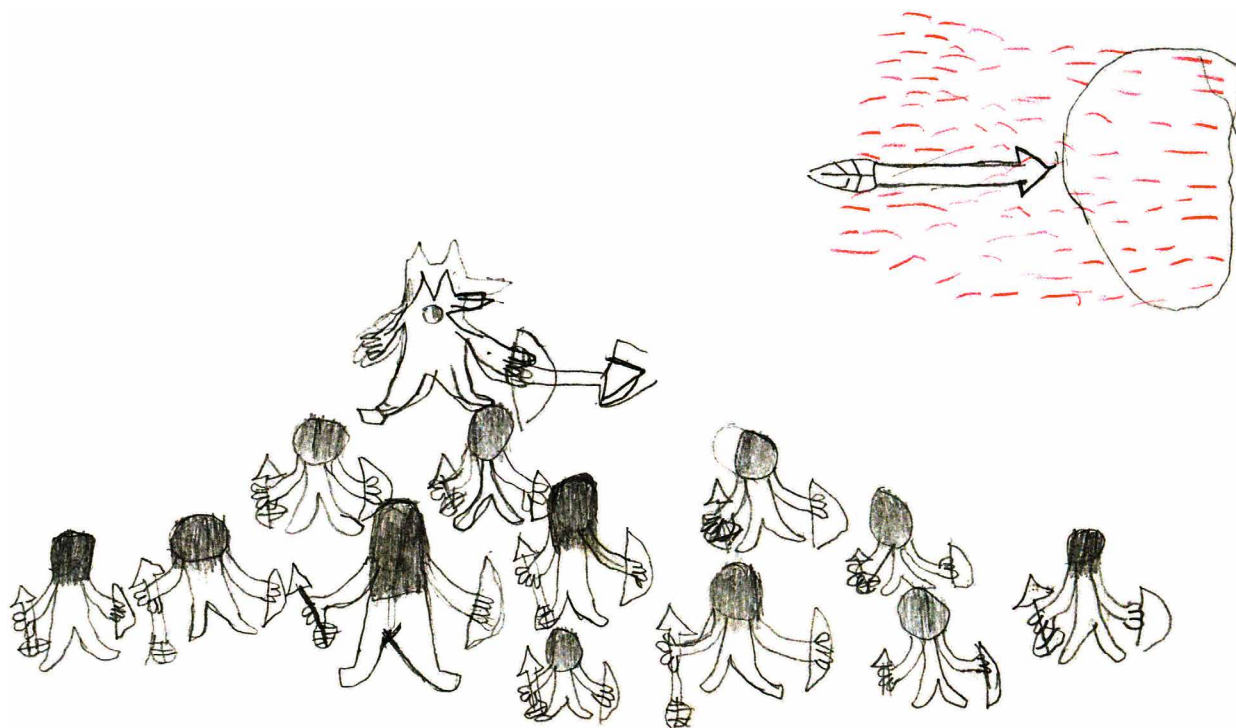
Xayga pota pane oroywo noroywoixowe
e'ywo exata oreope ywyrapapymoho
wa'e ramo i'i hekwehe ixope tatoraroa
ape xowe ota oma'eo hehe oxea'e ata
hehe oma'eo.

— Ixeterimono oxan tatoraroa ipyhyka
woywa ipirata xekwehe i'ywo imana
xayga tatoraroa.



Xayga e tatoraroa

— Hy'y xe erywoeteho o'yworamō xayga wowyhoramo otororoho okoita wya pexemokwatan ixohi ma'ewyiahe i'i xekwehe wytangamoke xama'e hehe xaywoywo o'ywa ropyta imota imoxykaka ywyare oxepe'ao xoporemo opan ixohi. Imogetao pane koxarame pehaemeteke iwyri otorororapo xayga rowya penehe.



Opa xekwehe oma'eo hehe koxarama oma'eo
hekwehe heyne heapyri pe xekwehe ihai totororo
xekwehe hekopere.

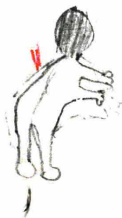
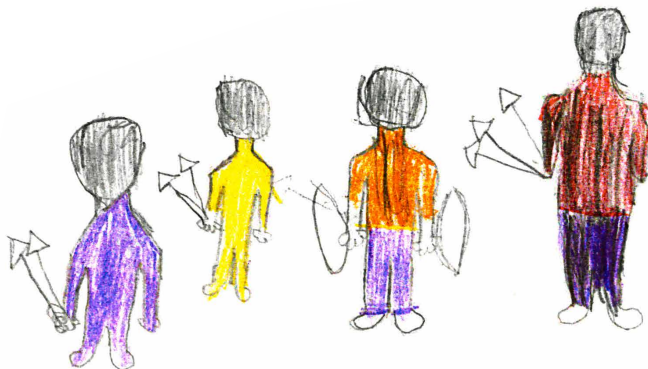
— Otororopa nerehe i'i xekwehe.

— Notororoihi ite xekwehe weyna repo
oma'eo ihypa wekopehi mote oxan
notororoihi xerehe oxan
teo koxarama.

Xe oroexan.

— Itororoihi nerehe.

— Maraiparike kwexete ixohi oroene penopeno.
Nawyhi xekwehe koxoa aka ymawe akoma'e hypy
xekwehe wyramo aka xeneramoitoa aka e'o
hekwehe imanai xayga otororo he'e xowe eope
wowyramo koxoa aka.



E'ope hekwehe oxea'eata herota woywa he'e i'ywoywo o'ywa ropyta imota ywype imoxyta'oho iapo imokwatio inama ikwaikwata ywangime. Oromowaem oxa weynape pexe pexe ha hexaka xerexeope aipa hatoramo ywanga xeneope aha hekwehe mokoi oxeopita hexakypy o xo pe aipa rike ikatoramo ywya oxa ota oxypa imomeo weynape ikatoeteramo ywya, ka'a, ywa amoteropi ywagime iapoapipiramo, ywa ikatoeteramo paranoa, ywyga, ytinga, amoteropi naihyhypotywihi. Oxa oxope oxeapokato pexe xaha ywangime xowe.



Oxopypeo ahaypywa'e aha ywagime hetaete ihai
 maetiroa: xaotia, xawara, akykya, tamari'ia,
 orowoa, akotia,awaete we, topoa, mytoa, tiwa'a,
 taxahoa, tatoa, tatoria, tatoraroa, wyra, tapi'ira,
 mixara, ihai hekwehe oxepenemei, oywyo ypy
 hekai topoa a'e xekwehe toroxokane oxan ihai
 haro o'oma ixepiawa re taxokane topoa oxa
 oroxeohi aharapo oreope onaroka aka
 wopiwarohoramo oxa oremonoapy'ay'yma amyna
 kyramo oxa xaxoka i'i o'oma haro ixypype ixepi
 reherehe pane ima'ei o'oma amotemoteohoa xowe
 aha, xowe hexaka amote.

— Ma'e repa ereom koi.

— Topohoa pota axoka xerexeohi
 naxenemoapyhaowihi horapo aha aka ywangime
 ope pe pe naho i'i xekwehe.

— Ixe taxokane koi.

— Eremanaohorapo koi taxokanewe xerexeohi
 naxenemoapyhai horapo.

— Ene wixerapo eremanaoho koi ixe taxokane.



— Ere xapa exoka wixekeno oxeite ixe taxokane ere xeoqe. O'oma xekwehe oxepita maetiroa amotemote ipytemanamanaka aha ywangime a'e o'oma oma'e he'e oxepita topoa aha oxokapotapa oxa o'oma iroa oma'eo he'e opoyra gawohoa imotinitinikaho.

— Maraiparike koi eremana ga koi aha topoa ywangime einorapo eremana a'e pane, ixe taxokane a'e neope naxenemoapyaowihi aha aka ywangime.

— Ixepa taxokane weka apoxyka neohi.

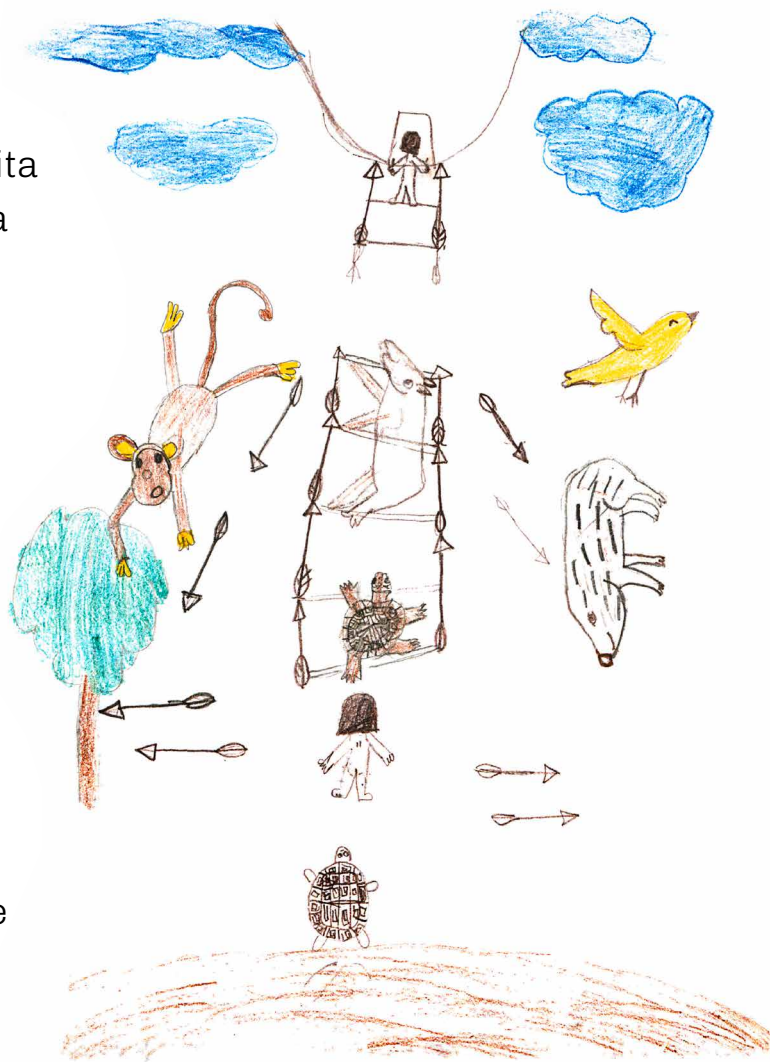
— Tapi'ira imomeo weynape ixe ypytahane.

— Emenypy oreypy tarahane ererotarangohorapo oreohi oxa tapi'ira pe haro o'oma weyna a'e ypy topan oxa, aha pane xaotia oxa aka maete oxepin oxakape aka a'e ramo xaotia rakape ipykoeramo aka xowe oxepita howyrowe oxepita.



— Ixepotano aha oxeopita
tapi'ira.

— Emenypy tapawypy oxa pane
maete omoaro aha xowe oxeopita
tapi'ira ere eneno oxa ixope aha
pane oxeopita herotarakaho
kwatia, tapi'ira, maetirohoa,
opyamoramo owewe waeroma
kwatia rerotaraka ipyamoramo
ararona, wyra, kwanoa, mytoa,
xakoa e'a, ka'ia, akykya,
tamari'ia, ipyamoramo ywa
rakoare ywype iari ota
xawara, iari kwatia
herotarangamo, o'akaty o'ata
imotamepa oxemoatota, xaotia
oata ota imorona oape,
tamanowa oata tyxogohoa pope
otio imoti'io a'e ramo einon itia
iti'iramo, tiwa'a oata wewyra
oxewatypyaho, taxahoa
we einon.



Tatoraroa xerokairongipe inaxywa rawapo aha herota hokairoka hy'y
erexapa ekeo okeo aha eron xokwen oxateo imoanoanopa oxywykaita
aha ywype oxao wayna pe tawari'imogene oxateo waynape.

— A'e katoete oroapopota neope terewanki'imoge inaxywapo i'apo
iwari'imogeo 'iapo imoanoanopa xowe i'apopapa hekwehe aipa i'i
hekwehe ixope.

— Oma'e hekwehe hehe ipirepiren wetayneto peapo xokwen oxa ixope,
xowe imanaka pinawa imoanoanopa a'e ramo xowe xepe tatoraroa
ixywykai wayna wokairongamo, tayna ixope hy'ypa oxa pane ixope
maete oatywan aha ywype tatoraroa kwepe oxegata waynape.

— Aha ywype tatoraroa wayna hi ywypyteripe oxegata ahapane
xenerowa kwepe oxegata ywype aharipo xenerowa xeneohi oxegara
hera'a. Oxe'eka pane tayna ixope ma'eramopa ereha oreohi a'e pe
tawari'imogene ere oreope eha xowe oreohi ywype:

araha tope tope araha tope tope.

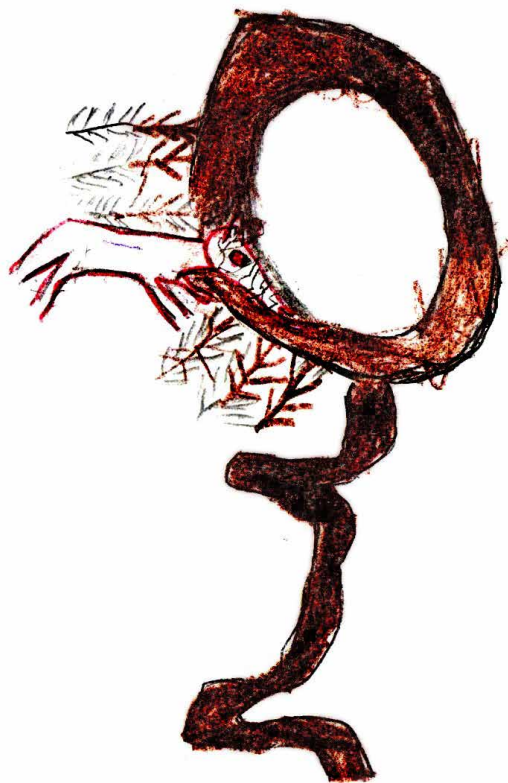
ahapota ahapota he'e he'e.

ahapota tope tope.

araha tope tope.

ahapota aharapota he'e.

he'e ahapota ahapota



ARARA PORONGETAKWERA

Ere xamokwati arara memyrare xereomawamo? Wetywyn oxoweraha xekwehe imokwatio oxowereka imowaema imana arara kwarape opo'eo hehe henoema pane arara memyra maete hawewe arara memyra.

- Aipa nahawihietewe rike arara memyra.
- Eron taexan ne marapa arara memyra rexanga.
- Pamara araha terexan nahawietewe.
- Eron taexan ne marapa rexanga.
- Naipepaihietewe arara memyra koi narahaowihi.
- Eron taexan ne marapa rexanga a'e neope hapanpa arara memyra a'e neope.
- Nahawihietewe a'e neope koi, exa neratya rakwawa ikorowame non arara rawa koi i'i xekwewe wekeyra pe imomira'yo oxeope wekeyra.



— Woi oro ymawekywekyi koi ipyhyka kyhe oxeopita aha kwatia ropi wara ywa tekeyra imanaka kwatia imota ywykaty ixohi.

— Maeramopa erekwahamanan xeohi kwatia koi.

— Ere ey'ina e'owy'ime emano ywate koi axan neohi.

— Ere harapo xeohi.

— Axan neohi ere e'yina emano aha ixohi.

— Wahewahemamo pane o'ina ywate oporiahoweteramo.

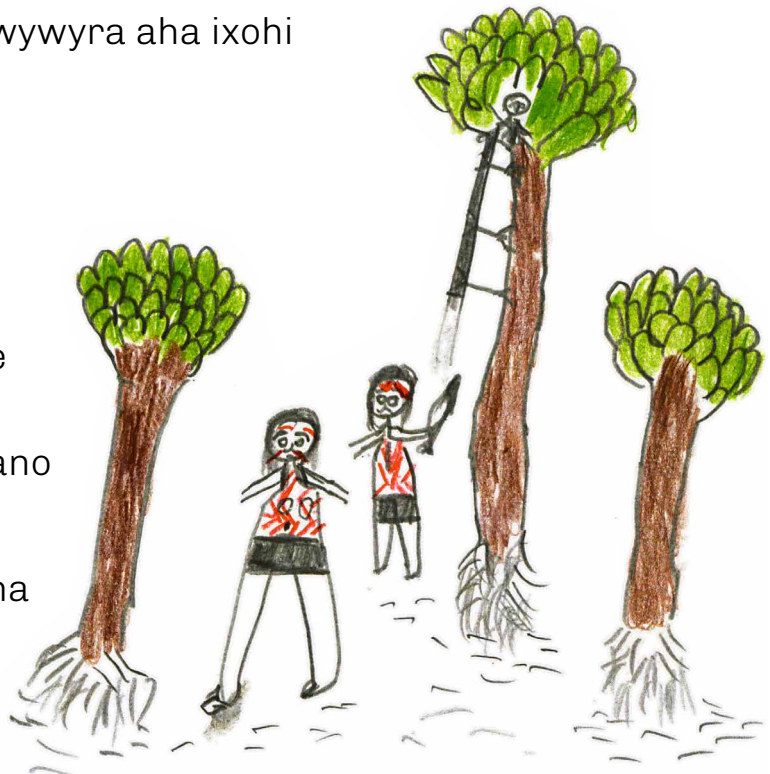
— Maete omomoriahowewe wywyra aha ixohi awyripe tekeyra ixohi.

Oma'eo tenyra hehe.

— Mowixepa nerywyteno.

— A'ymawekywekyi imoina tomano o'ina wexa xeratya re ixemoarai xeope a'e ramo a'ymawekywekyi imoina tomano wexa napo omano o'ina.

— Napo o'ina omano pexe xaha amotepe ixohi tomano o'ina aha ixohi xekwehe.



O'ina xekwehe oporiahowamo ywate o'ina. Ota arara o memyra re,
arara xere roxywipemopa awaramo eka.

— Arara oweweo xowe ixengamo ixohi.

Oma'eo o'ina owyrare xekwehe ota wawere. Kwepa wawere itorino
axe'enta ixope hexaka taxereroxyn ne oxe'eka xekwehe wawere pe
xereroxywipe mopa awaramo eka wawere awa.

Oma'eo ixengamo ywate wawere xene awake.
Ixe koi ma'erepa ere'yi.

— Xeymawekywekyi xereyna imaetewe
xemoina ywate xereroxywipe amopa a'e
neope koi. Xene awake ixekoi oxeopita
aha ipyri wawere awa imogetao.

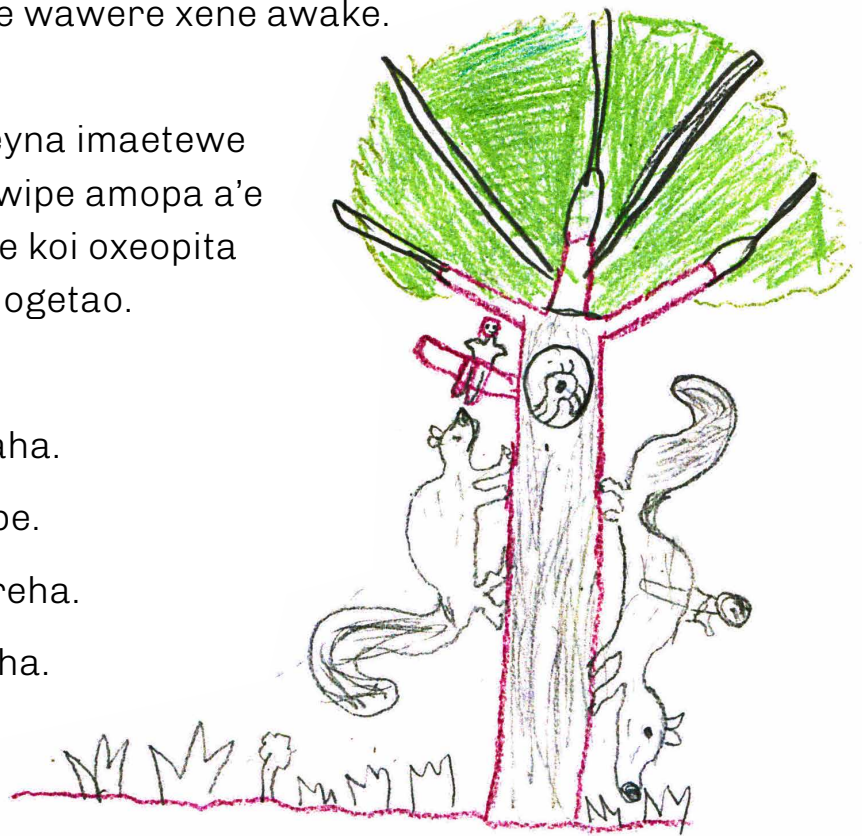
— Xerero xytaripepa.

— Oro weroxynta nere raha.

— Maratapa xereroxywipe.

— Otikaty pota xaxym xereha.

— Aipa xexokaibe xereraha.



— Ema'e nonta oroweraha nereroxypa xaxynta xereha.

— Ere eha exypa taexan ne oxypa otio wawere ota.

— Nonta xaxym xereha.

— Aipa xexokaipe xereraha.

— Oroweroxynta ekxeme pa
marawixe erexym.

— A'e ere ehaxokwetano
oxypa xekwehe.

— Nonta oroweroxym koi.

— Ere xereraha xexokao,
opata iapei hy'ypane.
Xepyhygeteipeke erearapo eata
exexokao heroxypa otio xekwehe
herota imoekatoy'yma xekwehe
heroxypa imomyroka ywype.



— Hyy xereroxy wipepa wawere imoawayma xekwehe herota imoka'akwahawy'yma. Katoete wawere xereroxywipe i'i xekwehe. Amomyropota weteyna weha weka hexaka.

— A'e ereke rimo imomyro xeyna eha eka aha xekwehe ka'ateohoa ropi aka omo away'ymamo aha karowamo inaxa yype oketa o'ina xekwehe ypytonimo



Inaxa

— Okoitaoho o'oma inaxa awapa rike xerawapirema opytepytenta oxa o'oma inaxa.

Akwawa pe wixepa axan o'ina oxeapykao inaxa koitaware okoemamo xekwehe ohema wokaxahi aha oma'eo hehe oma'eo ywate hexaka imana inaxa rawa pewixepa oxe'en o'oma xeope a'exaweha aha xekwehe oma'eo inaxayware pexawa okoi o'oma, inaxa wixepa rike a'owe amoa oxa i'o o'ina o'ytaroramo xekwehe maepopepa araha we inaxa i'o oxa.

— Korowire imomeo ixope yroapira popepope i'i xekwehe korowire ixope.

— Yroapira popepope i'i wixepa, imoxoka yroapira. Ma'epote ahamaga no.





— Xakyrone imomeo ixope iwin, iwin, iwira po i'i wixepa xakyrone xeope imomyromyro o'oma iwira hexaka xekwehe aha i'aka.

— Xowe aha xekwehe owaema paranohoa pe ka wixepa paranohoa aha oma'eo xekwehe mamogatypa rike amana y'awyrohoa. Amana i'i xekwehe imana hereka hexaka tororia.

Tororia

Aka ororykyriarohoa paome aka oxatimoka aha oma'eo hehe a'exan we awapa rike awaramopa ene.

— Ixe tororia.

— Mowixepa nereyna.

— Oxepewei aka koxamokoramo. Ixe xowe aka erexapa toroexan ne.

— Aha ipyri xekwehe oxepewei pa ereka.

— A'e ixexowe aka.

— A'amta nepohe.

— Emohomete ypy xerexeope ewoiropaomare aka emo'om kato xere xeope xarotangapo topaoma ahaxowerapo topawarerotaka neohi.

— A'amta nepohe koi.



- Ere e'apa hexaka xepohe.
- O'apa xekwehe pane ipohe herotaka topaoma.
- E'inorapo a'e pane neope oweweo xekwehe.



Xakareohoa

— Tororia aha y'owai ixohi xemo ahamaga etehypy topawa oxa xekwehe. Imana xekwehe paranohoa o'oma tororia oxe'eka. Tororiii tororii y'owai. Pexawa ywa iarohoi aha oma'eo hehe xerike i'yaham katoetehoi opata aha ohohoka pane hehe itowetei xowe aha opata o'yahapa werehe.



I'yahawohoi opa xakareohoa pewixepa ywa owahema aha ite xekwehe tayahan ne oxa pane. Tororia o'oma xakareohoa rehekatoete oxe'eka owerapate aha kowei tahyahan ne oxa pane. Iaxoropyohoare xekwehe opyroka xoo xoo. Wooo wetamonohoa repa rike apan koi i'i xekwehe.





— Hereka oapei paranohoa ropi. Heroxewyta hereka xekwehe reka.

— Oxe'eka xekwehe ixope oxawoho kwarayga xeo pe wetamoi
 ywyomywryi wixe xereraha ipe wetamoi xexokarapo kwarahyohoa
 neohi wetamoi oxepiramo o'ina kwara'ya hi o'ina heraha xekwehe
 ywyomare hepexona oikato pane tawewene oxa ikwahapa
 xowe xakareohoa.

— Owewerapo oxa heraha
paranomytera ropi.

— Hexakaho xakare irohoa
kwepa itorohoi xakareohoa
iroa xeopeno xererahaipe
ywyoma wyri wetamoi
kwaraygahi wetamoi.

— Hexaka xakareohoa
irohoa oxe'exe'ekaho oxope
sekwehe totototo
iatywataho sekwehe
oirohoa totototo sekwehe
iatywata oirohoa kowe
xererahaipe wetamoi
ywyoma wyri kwaraya hi
ywyoma heraha sekwehe.

— Xekorawipewe
wetemomino
xotaywaehaoho ere
xeope wetemomino.

— Moapa akoram wetamoi
neohi xeramona iaroete.



— Xotaywaheaohoa ere xeoƿe wetemomino.

— Moamopa akoram neohi opoypoyƿa hopipekyngohoare xekwehe xemokonapo oxa xekwehe. Xererahaipe ywyomywyri wetamoi kwaraya hi ywyoma wyri hepykaoho heraha toexangeme ywyomare oxa o'ingatoeteo aoxexowe tawewene we oxa oxetingaoho hekwehe aha owewe xekwehe ixoi ywyomare xekwehe.

— Ahapa paranome oxa xakare oxepomipomio aka imomyroho xekwehe aka.

— Oma'eo o'oma hehe aha xekwehe ixohi xakare hi pane aha xowe xekwehe ha'aka piretepe.



Hakaohoa

— Imana xowe hakykwera hereka xakareohoa aha paneno ha'akaohoa pexoweno xekwehe aha awa parike pohono a'exan we wehano awapa rike y'a oka aka ha'akaohoa tima po ikao aka paranoa owaema ixope awaramopa rike ene awaka.

— Ixe ha'akaohoramo awaramo ene.

— Ixe awaete ramo.

— Erexapa toroexan ne.

— Eokwe ahapota nerexaka.

— Mopa nereyna.

— Xakareohoa xerereka ymaetewe paranohoa ropi.

— Tywani rakarimo eoepohoa a'e penopeno nerexang hipa eka xakareohoa.

— Naexang hiete xakareohoa weka.

— Marawixepa erexan ixohi.

— Awewe wetota ixohi.

— Nemorimo ma'e pytaewehe
xakareohoa wemimanahi. Ere
exata ape toroexan ne
aha ipyri.

— Nerexang hipa xereyna.

— Naexang hi nereyna
morimo hekai.

— Eipo xakareohoa
itorohoi neope.

— Moaropipa aha ixohi.

— Exan toromokone ixohi.

— Texemokonipe enexano.

— Ere toromokone ixohi.

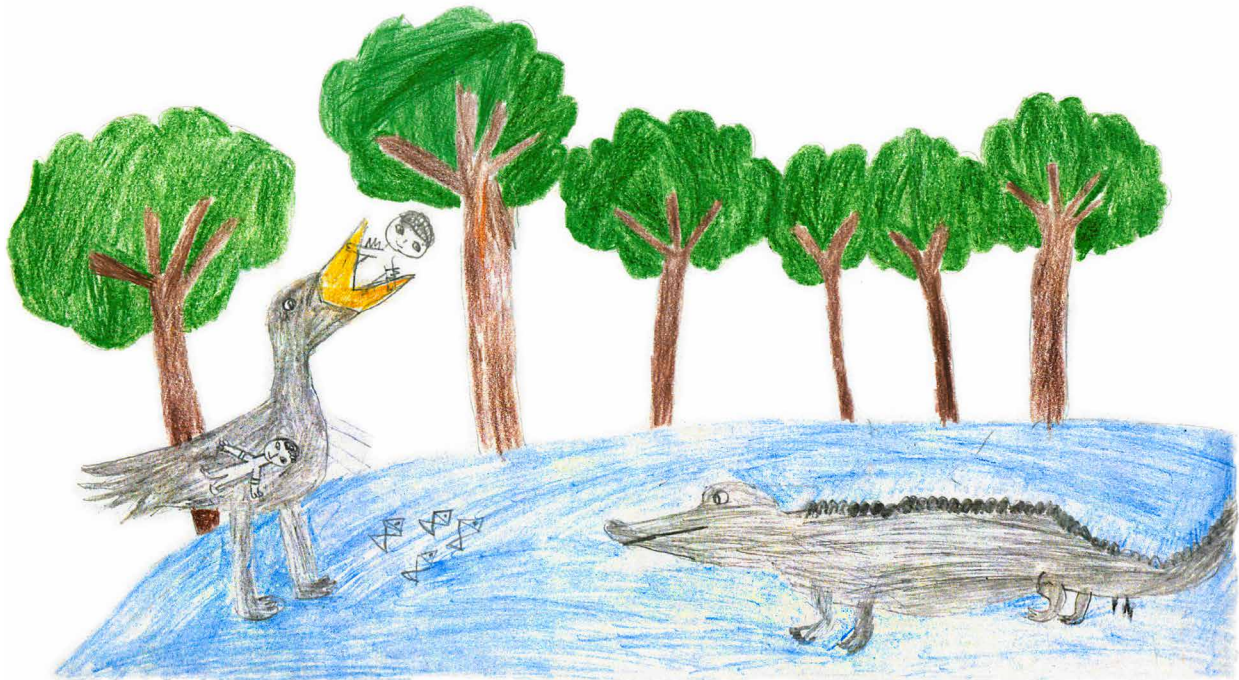
— Aipa xemokonipe enexano.

— Oromontano wewe'ena
erexanpata owaemoho
xeneope toromokon ne ixohi.

— Axetepa xemoaripeke.



- Oromoanta owahemete xekwehe ixope.
- Erexawa xemokona ha'akaoho.
- Oromontano exemanaeme exehe oxoroxaita ha'akahoa xekwehe imokona Awaete xekwehe xowe ipira imokokona ha'akaohoa aka xekwehe hetaete imokokona ipiraperona. Ota xakareohoa xekwehe ha'akaohoa pyri.
- Enepa tywakwai.
- Ixe tywakwai.



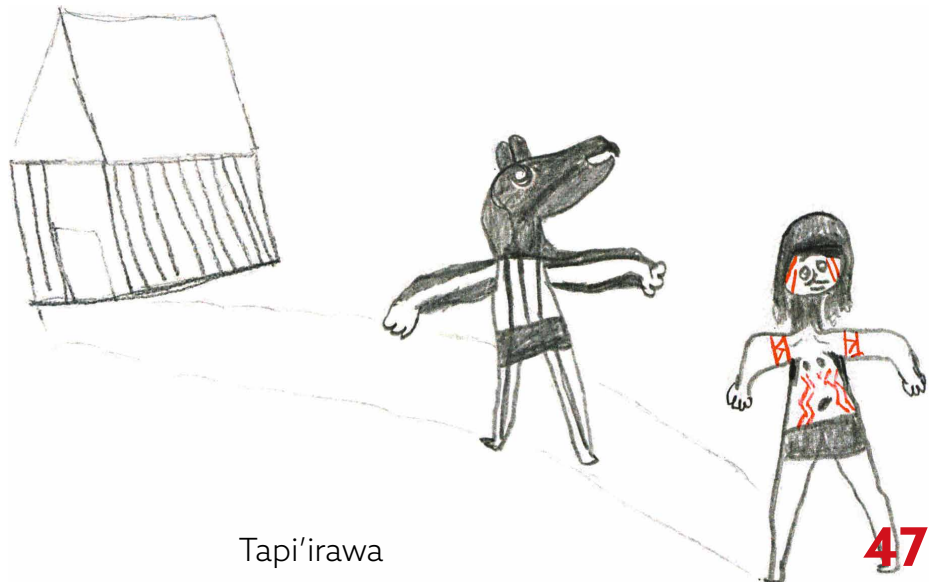
- Ma’e repa erexan.
- Erexanpa karopi on wa’e.
- Mote naexangihi morimo ihai.
- Karopi amon ipyparete imowaema neope.
- Morimo ihai karimo ihai xepopoenopa owaka xeohi kweropi ekwa imomyro hexaka ahaoho imomyro pane a’eramo xowexepe ipirayna imokokoni hakaohoa aka aha pane kaxowexepe ota hekwehe xakareohoa.
- Aipa tywakwai.
- Namaetywihi kwepane aha imomyro xawa eremokon nake xeohi tywakwai ota o’aykaoho y’a remeyware.
- Ewe’en ietawomare aoxexowe xekwehe ikwahapa imokona aka ipira imokokona aka xekwehe aha oxewyta ota aka imokokona aka owaema y’atia pyraper ymaetewe otaho xakareohoa opa.
- Karimo iwagi xeohi xepopoenopa emomyro eha karimo ikwawi.
- A’e amomyropota weha.
- Ahaoho xekwehe kaxowe xepe otaho xekwehe.
- Aipa tywakwai namaetywihi naipyparihi gake tywakwai.
- Hepexonaho ota ywyomare xekwehe.

- Eremokon pa gake xeohi tywakwai.
- Namokonihi gake tywakwai.
- Ewe'en taexane tywakwai.
- Awe'enta terexan owe'ena xekwehe haka tototo emaenon tywakwai namokonihiete.
- Ewe'en xokwen no owe'enano xokwen no xan no ewe'en xokwen no imopapa ipira owe'ena'.
- Emae no tywakwai namokonihiete ere eha imomyro eha kwerimo ihai owaka xeohi kweropi ewa'ae eha imomyro ahaoho xekwehe oxemokwatarereoho ixohi xekwehe owe'ena xekwehe imoata.
- Moaropipa ahapota axaonta hypy.
- Ere eha kowei ixohi paranoa emana ixohi y'ete emana hereka kwepe ehema imomyro xeyna eha.



Tapi'irawa

- Aha xekwehe no tapi'irawa pe owaemano oxe'eka xekwehe ixope awaramopa rike ene awake.
- Ixe tapi'irawahoramo awapa.
- Ixe awaeteramo.
- Erexapa toroexan ne.
- Eokwe ahapota nerexaka aipa erekate xeohi.
- Xe akate neohi ere exata aha ipyri mowixepa nereyna.
- Amomyro pane weka weteyma ymaetewe, nepexaghipa xereyna mime.



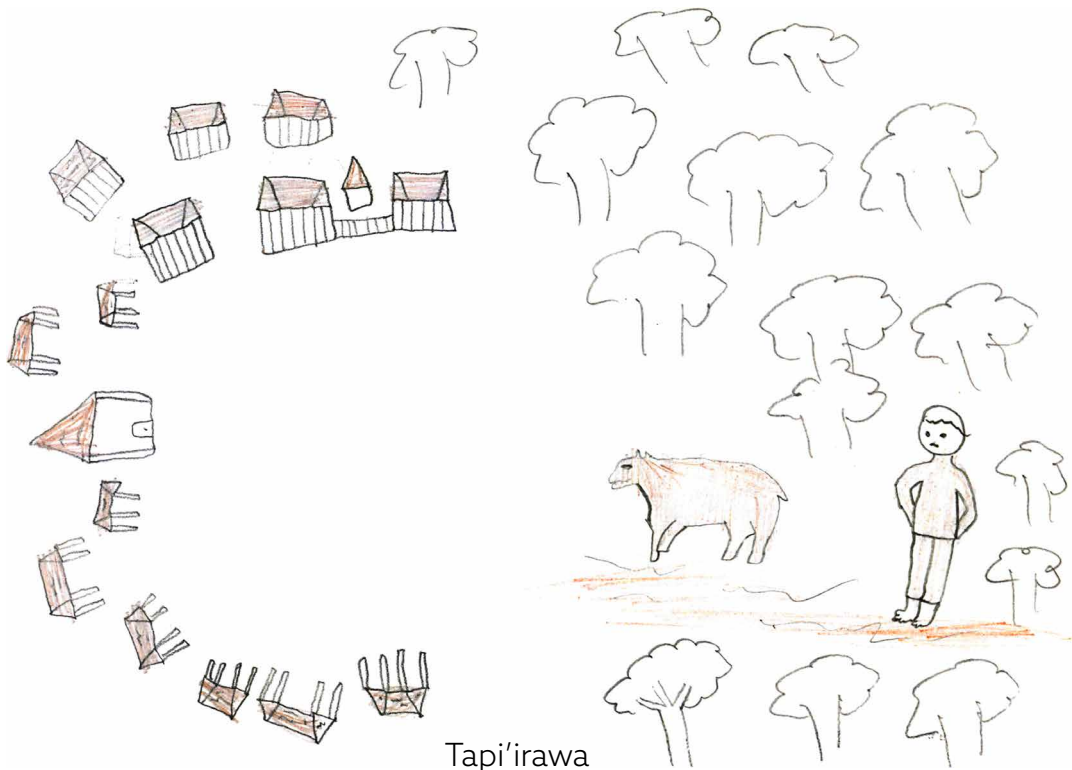
— Noroexagihī nereyna, ereka potapa orepyri terereka xeraxyra exeope.

— A'e arekapota neraxyra wexeope wetatyramo.

— Imana tapi'irawa waxyra ixope xekwehe tapi'irawa koxoa.

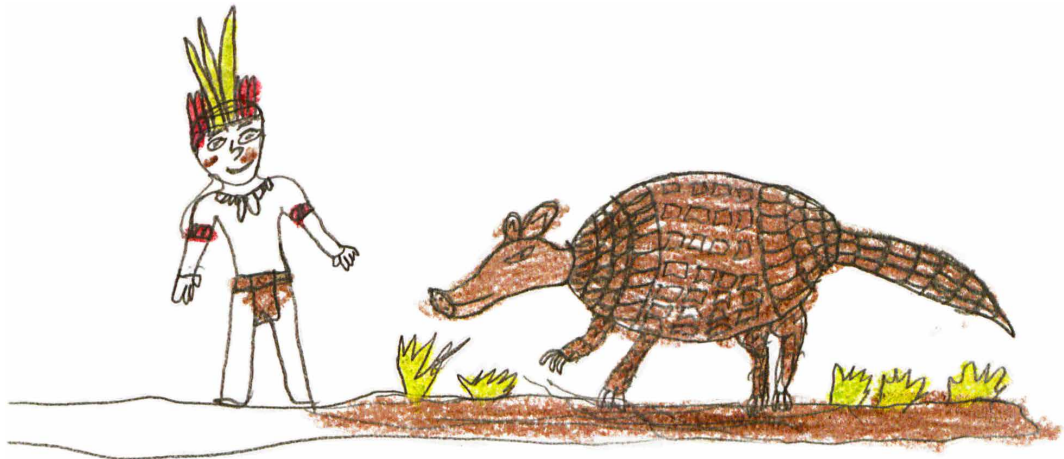
— Hereka watyramo xekwehe ymaehe hexagaopa weyna oporongetao xekwehe watyowa pe ahapota imomyro weka weteyna wetatyhom a'e xagaom pa weteyna weka.

— Ereke eha imomyro xeyna eka ixope ewahemy ymake exewyn orepyrino xeraxyra peno.



Tatohoa

- Ka emana orerape i'i xekwehe ixope e'o emeke rimo ewoi kawonohoa tatoa apyri, akaxa kawona ereo xeraxyra pyri eka.
- Aha xekwehe owaema tatoawape awaparike ene awake.
- Ixe tatohoramo awaramopa ene.
- Ixe awaeteramo.
- Exapa toroexan ne.
- Aha xekwehe iawyripe.
- Maerepa ereka.
- Weteyna pane amomyro weka nepexaghipa xereyna pexeka.



- Noroexagihi nereyna araka i'ypy xekwehe ixope tatoawa, erekaropotapa i'i xekwehe ixope.
- Naxeteoihi akaro rameteno pexe i'o akaro pawamete.
- Karowamo xekwehe imomeo ixope oxawa hekai nereyna.
- Eiporimo xereyna hekai.
- A'e weteyna rexagy'yma pota axan pepyrino wetatya pyri.
- Karowamo xekwehe ere terenom xeyna porogeta exeope, araha araka ipyri ypytonimo heraha xekwehe pexe pexeha toenom weyna



xe'enga oxeope aha xekwehe, tatoa ypytonimo xeneramoitoa pyri
owahema ixope i'awyripe xekwehe kwexohorimo tatohoa pexoka imana.

Maete oxoka xekwehe ahapa gake:

— Oxewyta aha tatohoa.

— Ene no aha amoano owaema ixope kwexohorimo tatohoa mono
pexokaho imana ixokao xekwehe tatoa maete oxewyn ixokapyra.

— Oxokaripo aipa norihi ere eha ene no aha amoteno ixope aha no ix
tahaneno i'i xekwehe tatokoapeohoa.

— Ere eha eneno exoneteke ixohi exatano.

— Axonetepota wetota ixohi aha xekwehe ahapa xeneramonohoa
oxeapykao hehe opa owahema xekwehe kwexohorimo tatokoapeohoa
pexokaoho imana oxona hewiri aha xowe ixohi xamanaohopa tatohoa
oxeapykao opa heyna hehe xekwehe kwe ota, erexanpa ixohi.

— Axan ixohi okoemeteramo aka erenompa xeyna xe'enga
nerehapiranpa ix'e'enga xereapiran ix'e'enga xereyna xawa xereapiran
goa xe'enga xereyna xawa okoemamon xekwehe ere eha mapawete
toenom katoete weyna xe'enga oxeope, aha xekwehe koemawamo
mapawete exeapyka katoete exeope xeyna xe'engare.

— Xexawa xereyna koemam xekwehe katoete tatoa xereyna xawa
ahapota hexaka weteyna koeman.

— Orerapeohoa emowaem xeyna pe.



Awaete awyra

— Aha xekwe weyna piara ropi aka imana tatoa rapeohoa imowaema weyna peno awahem pane awapa rikeno xereyna kerike no i'i xekwehe owaema ixope weyna oma'eo xekwehe aha wenyrare aha oma'eo heapiraka tenyra xerenyra wixepa ox'e'eka xekwehe wenyra pe enepa weteny.

— Hooo awapa eipo ox'e'engoho po peatywarimo awapa ox'e'engoho.

— Ixe wetenyneto ma'e awapehe amote iwaowi wetenyneto.

— Ene wixepa wekywym.

— Ixe wetenyneto axan weka awa pemomyro penexagaopawahi pemomyro weka.

— Ene wixepa wekywyn erexapa toroexan ne nerexagaotawahi.

— Ixewe a'exagaom awa weka wetenyneto ma'e ymakyrihe.

— Marapa erexym ra'e exata wekywym.

— Wawereohoa raka xereroxym wetenyneto xererota.

— Marapa ra'e nereroxywi.

— Wawereawaohoa rakokwehe xereroxywi otikaty xemoawayma xererota weaway'ymamo amoteropi weha

weka pemomyro pane weka.

— A'e katoete erexan orepyri.

— Mowixepa xerekeyrano.

— O'ata aha nerekeytegoa taxahoa mopota oroxoka i'i norihiwe i'i xekwehe tenyra.

— Hetaete a'exan awa tororia, a'exan xakareohoa, a'exan hakaohoa we, a'exan tapi'ira waohoawe a'exan tatoawa we wetenyn maerepa, namaetywihipa paratia tahakwan ne wetoywa.

— Werapan nerahyroyte paratia a'e ramo namanaihi neope amoa.

— A'e maepote amoxon wetoywomano weteny.

— Apane akotia remi'oa inaxa ymynare akotia hekai oromoxon araka ixohi xepepyteripe inaxa akotiape.

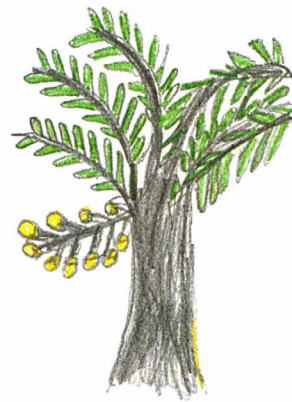
— Axokapota weha amoa weparatiramo aha xekwehe hokairoka inaxa o'ina maete orewe amoa ixope xekwehe ahaypyo xekwehe awyripe erexokapa amoa wekywym norihiamoa weteny oxeiwe potarimo erexoka amoa.

— Oxeiwe ahaxokweta haro xekwehe inaxare taxokane akotia mo weparatiramo oxa okeo o'ina tokaxa pope oxeiwypy haro akotia pane o'ina tiripipina hexaka xawarawa oxe'exe'eka tiripipina ma'e parike o'exan tiripipina oma'eo momokwarare he xawara wixepa oroho oxa ipyhyka ywyrapara o'ywa xekwehe taxokane oxa pane ipirata ywyrapara hehe oxemoawao xekwehe.

Xawarawa

— Oxeiwe ahaxokweta haro xekwehe inaxare taxokane akotia mo weparatiramo oxa okeo o'ina tokaxa pope oxeiwypy haro akotia pane o'ina tiripipina hexaka xawarawa oxe'exe'eka tiripipina ma'e parike o'exan tiripipina oma'eo momokwarare he xawara wixepa oroho oxa ipyhyka ywyrapara o'ywa xekwehe taxokane oxa pane ipirata ywyrapara hehe oxemoawao xekwehe.

Xawarawa ixope
ixokapota hawahi oma'e
kato xawaraware woow
awapa rikeno koi xawara
e'okwe orohono koi
moteno namaetywihi
xawara xene e'okweropi
itorohoi xawara no mopa
erexan xawara hino
e'okweropi itorohoi
enepa
erexan xawaramono.



— Ixe xawarawaramo axan.

— Erexapa ehema
toroexan ne.

— Enepa erexan xawaramo.

— Ixe xawarawaramo.

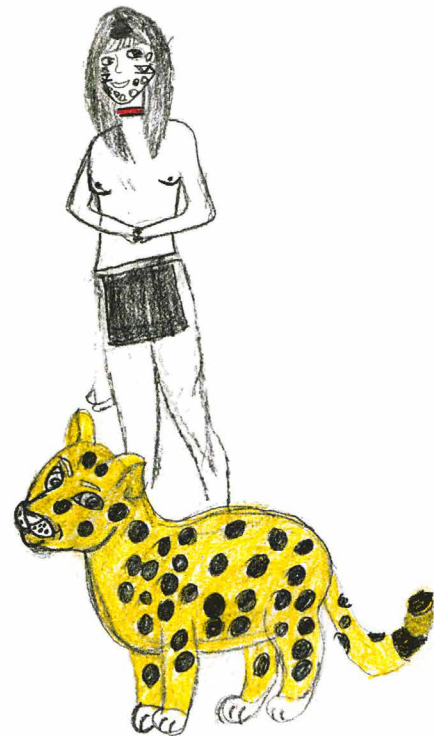
— Ohema xekwehe tokaxa hi
ipyri maerepa erexan.

— Neope axan tarahane
wemenamo ipotapyryyma
ikata'ata'aka wexeope wexa.

— Axaramete raka wetenyra
pyrino paneno
nahaowihi neropi.

— Nehaymamo pota miatope
nepyhyn i'i xeoipe itory'y
mamoke itowai xawara
wetaxy i'i miatope neope.

— Aipa aha xowe wetenyna
hino axaramete raka
pane ipyrino.



— Orowerahapota wexeope wemenamo nerereka.

— Ahapota wetenyra hino xerexagaom ta akano, wearimowe wetenyra hino xaxewynta pano xerenyra pyrino.

— Ymaehe xerexatano terexan xeynano.

— A'e ahapota neropi.

— Tarahane ipotapyry'yma wexeope wexa axan neope.

— Oxa'ao xekwehe ahapotati wetenyra hino oxa.

— Exa'ae me xaxanta terexan xenyranano ymaehe.

— Imopena ywa imota howahapa peropi imoina o'ywyrapara xekwehe pepyteripe e'owy xeywyrapara wetenyneto perahake pexexe apirakawamo hereka axa penohi wetenyneto i'i xekwehe wenynape aha xekwehe imoina pepyteripe woywa opy'ypytypytyma ahapota penohi oxa weynape. Axan penohi wetenyneto axareterame penohi i'i xekwehe wenynape aha o'ywapa'apa'ata aka, opate tenyna haroteo xekwehe maete orewe xekwehe.

Ma'eramopa rike norihi xenekywyrano i'i xekwehe tenyra oxeiweke xaha xerema'eo xerekywyrare maerepa hekai koem xekwehe.

Ere xaexan xere kywyraxa oxoweraha xekwehe hexaka pane oxe'eka xekwehe he pane ixope ma'erepa ereka oxapane ixope maete o'atywan, hexaka pane hokaiwera maete heta ikywyraxa, oimoina



ywyrapara pepyteripe werahapa xene kywya akwawa xeneohi
wepyky'yn imana xekwehe hakykwera pane pe oxewyta ixohi xekwehe
aha imomeo weynape weraharike akwawa orekywya oreo hino i'i
xekwehe weynape aha. Xawarawa herahai xoweno oawyripe xekwehe
herowaema oawyripe oxe eka xekwehe o'yape e'okwerimo araha
ipotapyry'yma wemenamo wehy.

— Ere herota ta'exan ne nemena wetaxyn i'i xekwehe xawarawa hya. Xekatoete nemena wetaxyn i'i ihya ixope toroapin ne nemena wetaxyn i'apina xekwehe i'apo rokoapo xe iaroeteramo nemena wetaxyn.

— Mopa xerowano.

— O'ata aha nerope goa tapi'ira mopota oroxoka i'i. Ere itio topawamo heraha ywate heropa i'i xekwehe ixope heroxeopita topawa xekwehe itio ywate hereka heroketa napoke nerope goa te ikwahapa ipihere hetonamoke exe'en ixope, ota okeokentawahi xekwehe toma awyripe epoitori neropegoa ere heroxe opita hera heropa i'i xekwehe ixope ihya. Heroxe'enga egata tapi'ira peyrohoa herota xekwehe herokekeo herota tawa pope koxoa pe tapi'ra.

— Emon tapi'irapi taone i'i xekwehe watygape okaro xekwehe opa pane ixerony'yma hetona ipihe xekwehe wooo aiparike xane xowe xeperike koi wowo oxeiteite oxe'eka xekwehe.

— Oxe'eka taxyra ixope wetom aroweha ipotapyry'yma wexeope wemenamo.

— Mote wetaxyn ere herota taexan ne wetaxyn iaroymamoke towai xawara wetaxyn ere heroxypa herota taexan ne.

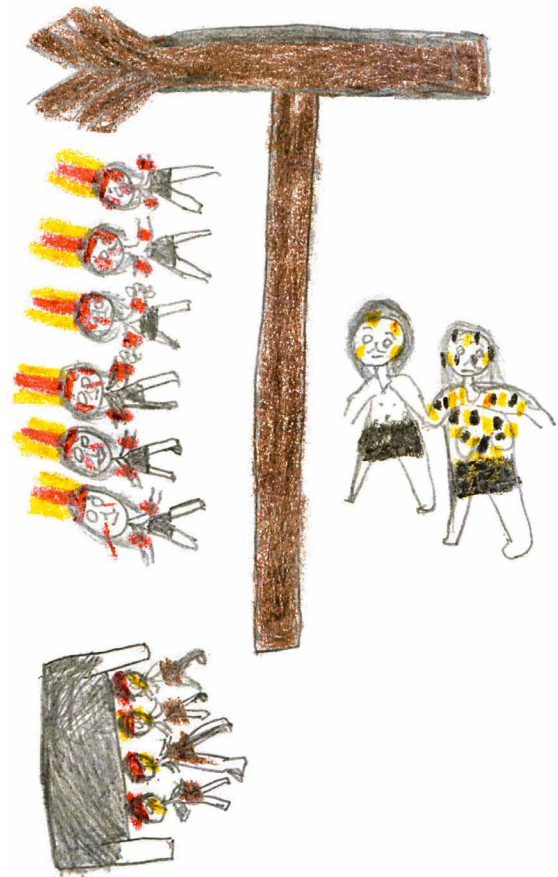
— E'okwe arahapoto tere'exan wemena wetom eomoweke ixope wetom ipapyhyka herota heroxypa xekwehe herota oma'eo towa hehe aoxe ikatoeteramo nemena wetaxyn.

— Aron weha ipotapyry'yma hereka wexeope ikata ata aka Miatom wexeope.

— Katoete ererom emenamo wetaxyn, ere imogaro etotyra xowe imogaro papa xekwehe pexe xaraha hyromonepa xeraxywena toxemoxawan xenepyri aka pexe xaraha tekataipe hyromonepa xowe aha xoporemo tekataipe, ere toroyromonem ne tereka xawarawara mo orera aka oxa ixope hatyowa. Aha tekataipe ere herota tayromonem ne nemena wetaxyn oxa, aha oxoporemo koxoa oxe a'eata aha opa oma'eo hehe, ere herota ape oxa ixope hatyga pe ipapyhyka heraha heropytao hero'oma.

— Ixeypy tahane i'i marakaxa xekwehe kwexohorimo maraka xahoa weta xyneto pexeo pireteterimo ixohi aha pane marakaxa oxona maete oxeronoho opa koxoa ka aha pane ipywo aha xy'oipiwaeteno miatope.

— Ere herotano.



— Ywaronohoa kwexohorimo xawarahoa wetaxyneto pexeo
pireteterimo ixohi aha pane ipywo ywaronohoa aoxeopa xowe koxoa
maete oxeopin.

— Paxe pytongohoa teno miatope.

— Ere herotano.

— Ipinimohoano kwexohorimo xawarohoa wetaxyneto pexeo
pireteterimo ixohi ipinimoho wa’e oxeopipapa xekwehe koxoa ixohi
aoxe o’oma hatya maete oxeopim xekwehe hyromonepa xekwehe
imena oxoweraha oxopoywyri oxona aha ywarohoa re iparohoi
oxoweraha oxyroekyita oxemoawao ipinimohoa pane. Maete opotan
hatyga ipinimohoa ixyromonem tawa inimaohoa tino miatope
ipirahyrapo aka weyna pe maekatoahe ipinimohoa.

— Ere herotano.

— Xawanohoa xekwehe ixete rimono aha kwexohorimo xawarohoa
wetaxyneto hono howa’e pexeo pireteterimo ixohi hyromonepaxe
xekwehe oxeopipapa xoporemo koxoa oxoweraha oxoweroxona
oxopoywyri opataho ywarare oxyroekyita oxemoawao.

— A’oxe katoete wetom xeomia iaroi mitope topyhyn we tapi’irohoa
neope aka mitope ipirayra po aka weynape ipinimohoramo aka
penope. Imana waxyra ixope xekwehe towereka watyramo oxa

xekwehe imomemyta xekwehe watyga hexanga opa xekwehe wenyra.
Ahapota hexaka wetenyra wetatyhom a'exagaopam wetenyra.

— Erekerimo eha hexaka xeyna wetaxywen exanke xepyrino.

— Axanta nepyrino wetatyhom oxeiwy pypota aha.

— Exakatokerimo eka xeynahi, a'e heyna herekangawamoke eron
etotype wetaxyn.

— Aronta heyna hehe
ixemoarairamo aha
xekwehe owahema xekwehe
tepaxawy'yime aiparimo
ereka wetenyneto.

— Oxe'eng po xene kywyrano
iatywata xekwehe erexanpa
wekywyn oreope erexanpa
toroexan ne wekywyn
nerexangao pawahi, ene
wixepa rakwehe ereraha
orekywyrora oreohi wetyken.

— Ixe rakokwehe araha
pekywyrora penohi wypyky'yn,
xawarawaramo araka.



— Axemoxawan rakokwehe weha wetenyneto xawarawaohoa pyri tapi'ira apyhy weka wexemoxawata.

— Einorimo ere pyhyn eka tapi'irohoa wekywyn xowe heraha herokeo iawyripe.

— Ereke terepyhygoho amoa toroexan ne ene ipykawa.

— Einon apyhyn weka tapi'ira oxei weke xaha tapyhyn ne tapi'ira mo tepexan pemaie xoweke xereheno xexo kai perapo xawaretapa pexexa.

— Napoke rimo ipyhyka tapi'ira penope tepe'exan peyworapo xemena xehi.

— Koen xekwehe xaraha topyhyn tapi'iramo xeneope xaexan heraha xekwehe herokeroketa hexaka tapi'ira pypara imana hakykwera hereka ka'ape xekwehe o'ina yhypotywa pope hexaka oxona tapi'ira aha.

Ahahoripo tapi'ira oxa ixope oxemoxawata xawarawa aha hewiri oxona oxowexepe ipyhyka tapi'ira imana.



Opyhyngo horipo tapi'ira oxa oxope wahewahemamo tapi'ira kioo kioo henopa xekwehe wa tapi'ira raherahema. Xawararipo opyhingoho tapi'ira axokapotarohoa weha xawara.

— Xene rywyte ripo opyhingoho tapi'ira.

— Axokaowe weha xawara oxa oxona aha owaema ixope ipyhyka heroina xawarawa tapi'ira weomawamo tapi'ira aha oxona i'ywo xawarapa opyhingoho tapi'ira oxa xekwehe i'ywo o'ypapo imoaroyma xekwehe ipyhyka tapi'ira i'ywo xokweta werehe xekwehe.

— Wooo maraiparike koi oxona xawarawa aha o'yporamo oxona xekwehe oxyro ekyekyita o'yporamo oxe roekyekyita o'ypa rahyahi okatoeteramo ma'ete hahy ixohi ihywonawa xekwehe oxewytaota weynapyri.

— Awapa xeymo.

— Xenerywyte neywo.

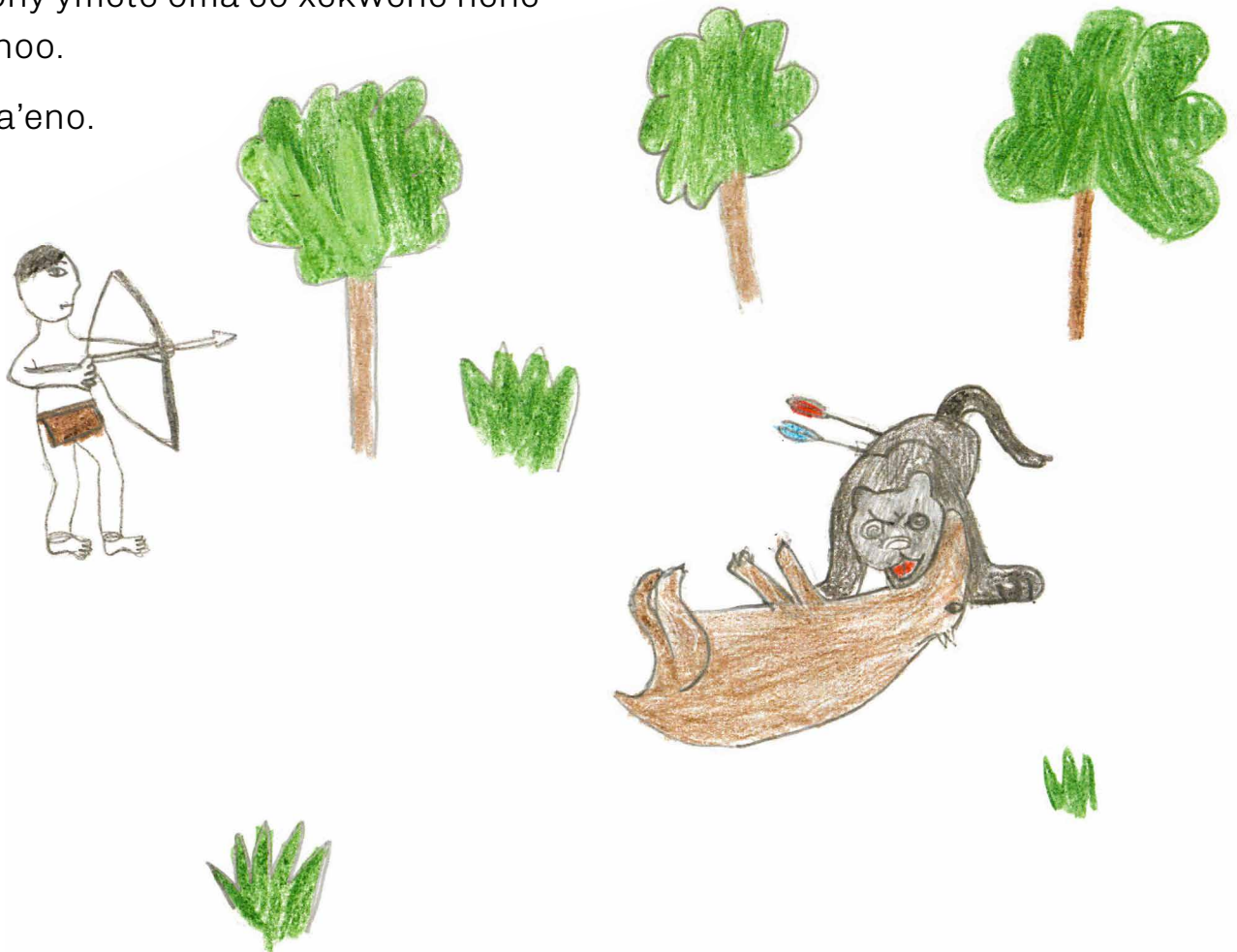
— Pema xoweke xerehe a'eneno penopeno tapyhyne tapi'ira a'ene penopeno koi.

— Xawarapa wexa oroywo wetota wetekeyn. Marate tapi'ira no napo'oina.

— Pemokae tapi'ira oxeiweke xaha imoka'emapa xekwehe wemiara,
karom xekwehe oxe a'eata xekwehe koxoa oxopyri moaropipa
ati wetopawa.

— Karopi eti xopawa itio topawa pewera xowe kwarywytoa xekwehe
herota imena rywypyti'ao kwarywytoa a'e xekwehe opytao
ixerony'ymete oma'eo xekwehe hehe
hoo hoo.

— Ma'eno.



— O’ywopa wa goa wywyrā pone herori kwarywytoa taeton ne wypytoa napokerimo ipyhyka tapi’ira a’e neno penope pepyhyn xememyra taexan ne tope weha perowoweke pemomangapo pexexeope ma’e xaroronahe peorapo aha xekwehe omena rewiri axowexepe oxe’exe’eka aha aka.

— Karom xekwehe kakaty pekwam ka’amarony’yma katy oxa wywynape onta xeratyā xerewypytoa retona xenepyri ixe pota ka aka pe katy.

— Pamaran oeton.

— Ywytoa pota herahai toeton onta exakeno okwepawereramō maete yma oxe’exen ota.

— Eipoitori xeratynga pexowoweke ixope ipiraypota ota peno napoke a’e xowe oxe’eka penope, owa ema ixope ka’a ka imena pe howahapa katoeteo imena aka omena poywyri oxemoawao.

— Peywopa pexexywyra.

— O’ywo wa oroxywyte xawarapa opyhyn tapi’ira oxa.

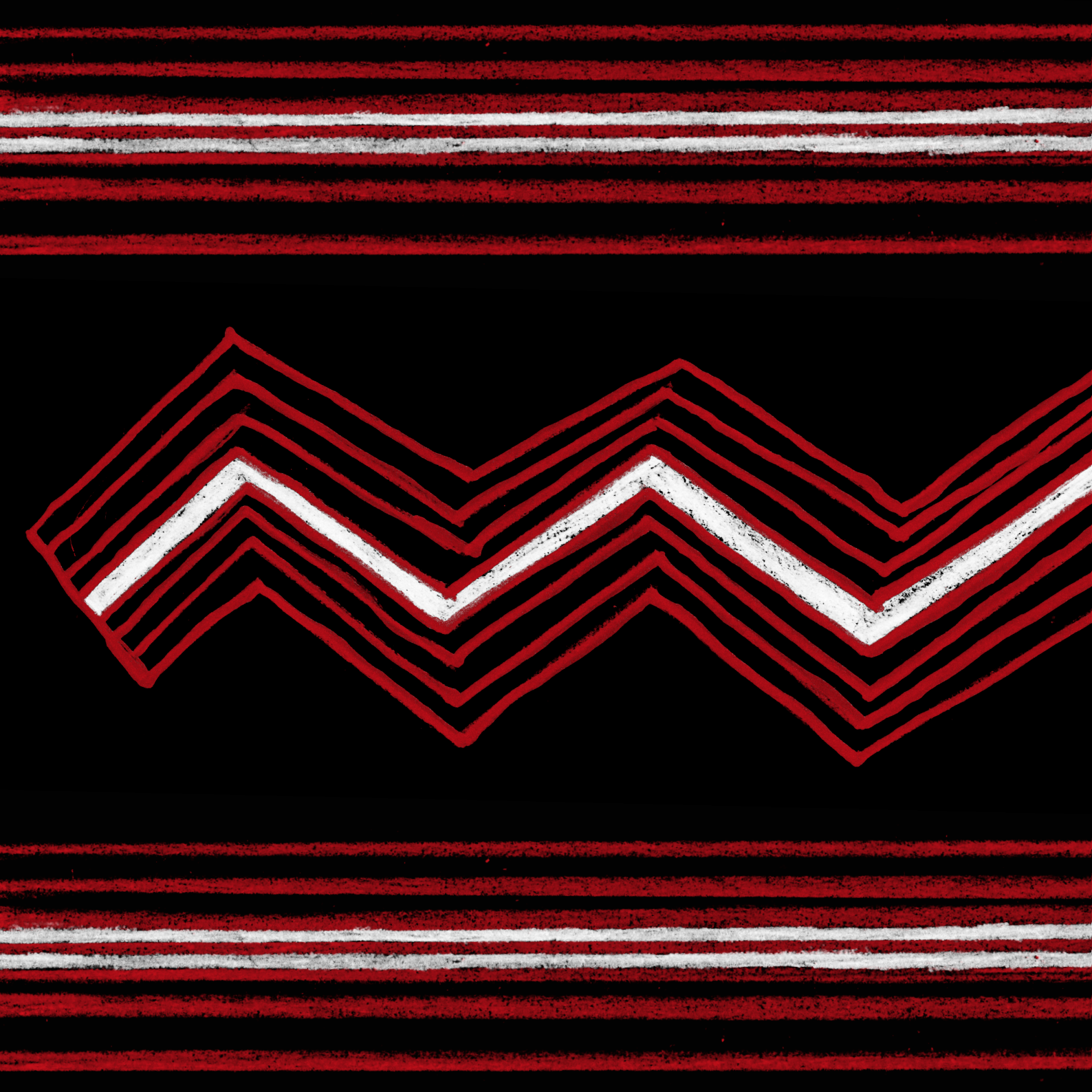
— Pexatike tapi’ira ipykawa a’ene penopeno ota hatya hyroekyekyitao omena oywa raykwerahi.

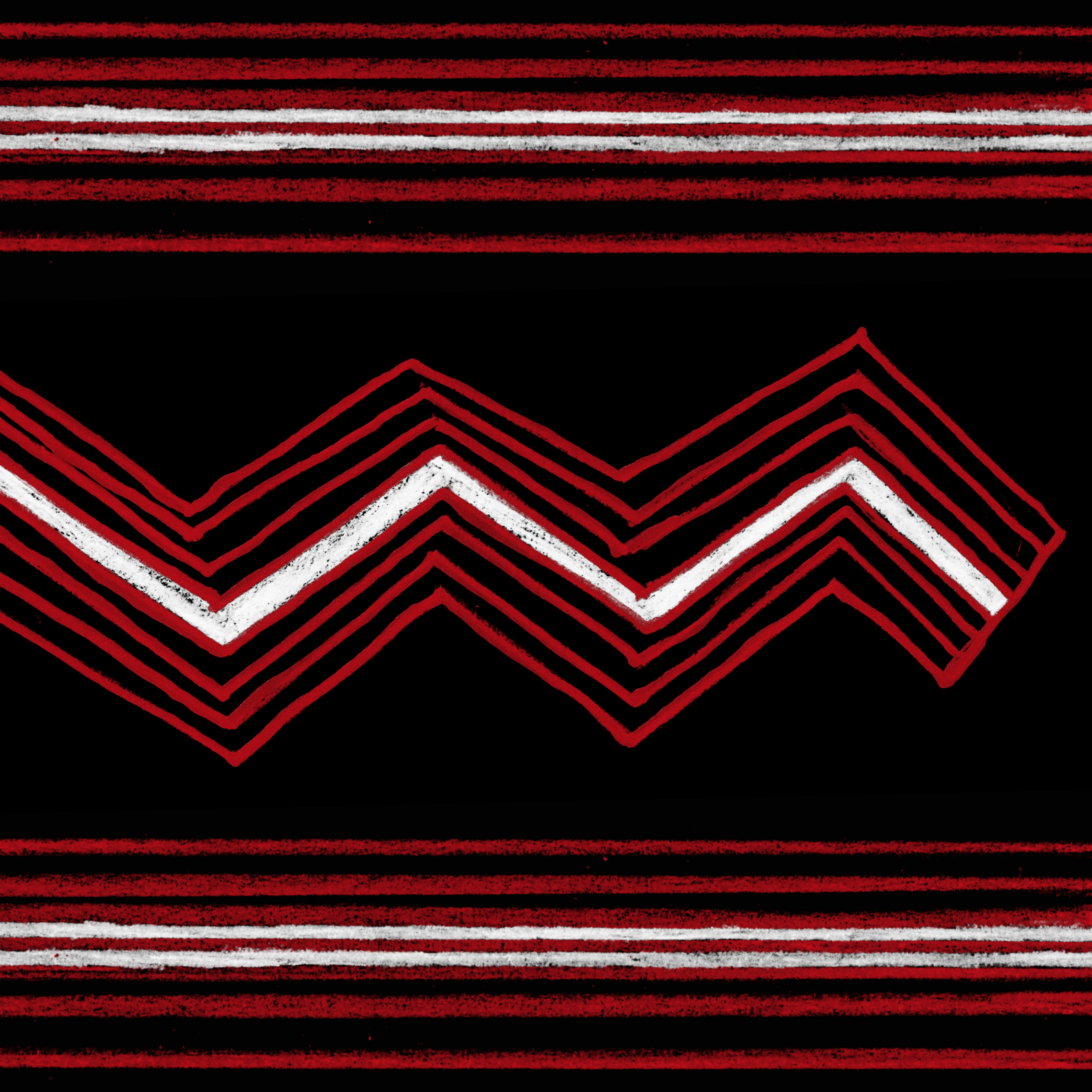
— Imena xekwehe hy’yxowexepe ere eha hexaka xere xayra oxa’arimo oxa watyape.

- Araha pota penywya penohi pexokarapo xememyra rowa ixohi.
- Ereraharapo orerywya oreohi.
- Arahapota penohi eronke heyna heregangawamo i'i miatope xeope.
- Ereraharapo orerywya oreohi.
- Arahapota penohi axarete rakapane pepyri weka aha pota oxeiweke pekwa.
- Eokwepota aha oxeiwe.
- Aha oxewyta awyripe hatya weynapyri kwepe we henopa heyna ixex'exe'entawa eipo itori aha owaema okeo awyripe.
- Aipa.
- Oyworike wa wywya.
- Einorimo i'ywoi wywya.
- Pane amomeo ixope napoke ipyhyka tapi'ira penope tepexan a'e pane ixope, arahapota pekywya penohi.
- Ereraharapo ore kywya oreohi.

— Arahapota aharo xowepota itoramopota araha penohi opa haro xowe omena towa koemamo aha imenetoa awyripe oxeiwe iapopapa imoina omaetiroa tarahaxowenewe oxa, ota xekwehe imenetoa awyripe aoxea omena itoramowe heraha xawarawa koxoa heynahi wopegopyri hereka maete oxewyn xokwen heynapyri.







HISTÓRIA DA CORUJA

Há muito tempo atrás, quando os Awaete – Wyrapina ainda não conheciam a noite, um Awaete foi caçar e viu um rastro de coruja. Ele seguiu os rastros e chegou em uma aldeia que não era do povo dele.

Ao se aproximar da aldeia o Awaete gritou, de longe, perguntando quem morava lá e ouviu uma voz dizer:

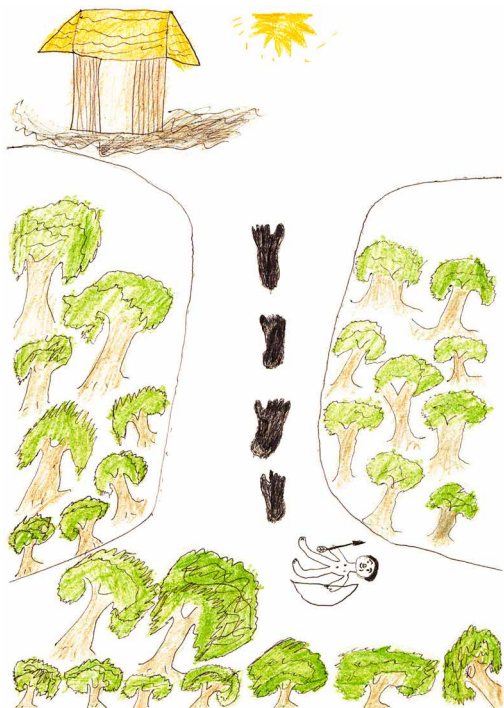
— Eu sou a coruja. Sou da aldeia da coruja. Pode vir aqui.
E você, quem é?



— Sou Awaete – Wyrapina –
respondeu o Awaete.

— Pode vir aqui pra gente
conversar. Vamos entrar – disse
a coruja.

O Awaete entrou na aldeia da
coruja e conversaram um pouco.
Depois a coruja o convidou para
conhecer a casa dela. O Awaete



aceitou o convite e seguiu-a até sua casa onde continuaram conversando. Ele ficou observando como era a casa da coruja e viu que tinha muitas cuias lá dentro.

— O que é isso aqui? – perguntou o Awaete apontando para uma cuia.

— Isso aqui é cuia. Daí surge a noite – disse a coruja.

— E pra que a cuia? – insistiu o Awaete.

— É pra eu guardar a noite – disse outra vez a coruja.

— A noite!? Como é a noite? – perguntou o Awaete.

A coruja então explicou:

— Quando eu abro a tampa da cuia escurece tudo dentro da minha casa. Lá fora continua o dia. Só dentro da minha casa fica escuro. Quando eu acordo guardo a noite novamente dentro da cuia. Então amanhece. Somente eu posso fazer a noite.

— Por que nós, os Awaete-Wyrapina, não temos a noite?, perguntou o Awaete.

— Porque eu sou a dona da noite. Sou eu que guarda a noite. Eu não a espalho. A noite fica somente dentro da minha casa. Para eu dormir e depois amanhecer. Onde é meu quintal. Fora da minha casa não tem a noite. Eu durmo pouco para não acostumar com a noite – explicou a coruja.

— Você podia nos dar a noite – pediu o Awaete.

— Eu não posso te dar a noite porque vocês não sabem usá-la – disse a coruja.

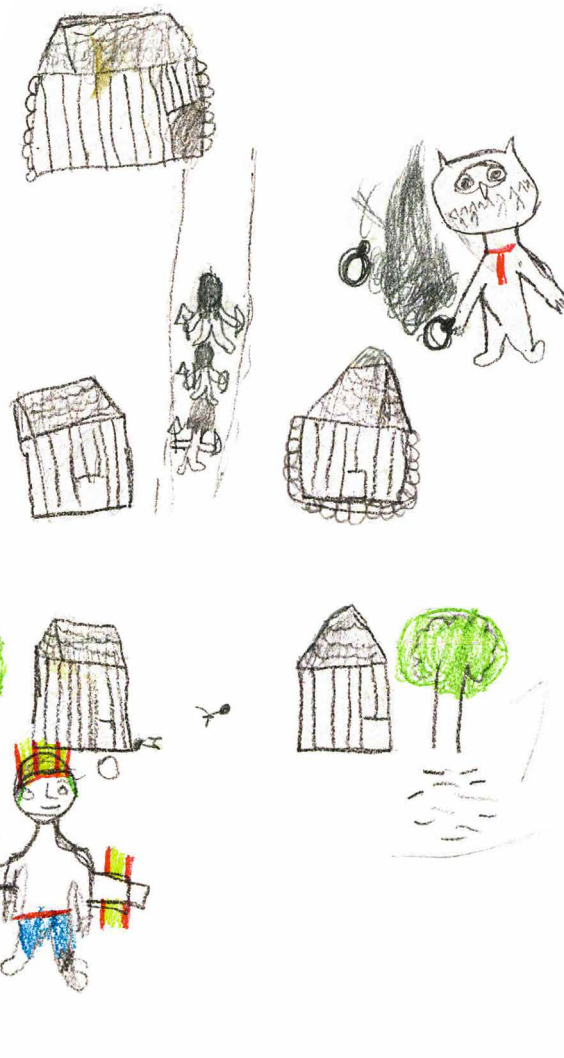
— Não existe a noite para nós. Nós dormimos de dia. Você pode nos ensinar para a gente dormir como você dorme – pediu o Awaete para a coruja.

A coruja concordou e disse que ia ensiná-lo a usar a noite. Apontou para uma cuia dizendo:

— Vou abrir a tampa da cuia e vai escurecer somente aqui dentro da minha casa. Lá fora não haverá noite – disse a coruja.

Em seguida ela tirou a tampa da cuia e toda a casa escureceu.

— Você está me vendo? – perguntou a coruja.



— Eu não estou te vendo. Está tudo escuro – disse o Awaete.

— Aqui dentro da casa está tudo escuro, mas lá fora está claro – disse a coruja.

— Coruja você podia nos dar a noite para também passarmos a noite dormindo. Na minha aldeia nós dormimos durante o dia – disse mais uma vez o Awaete.

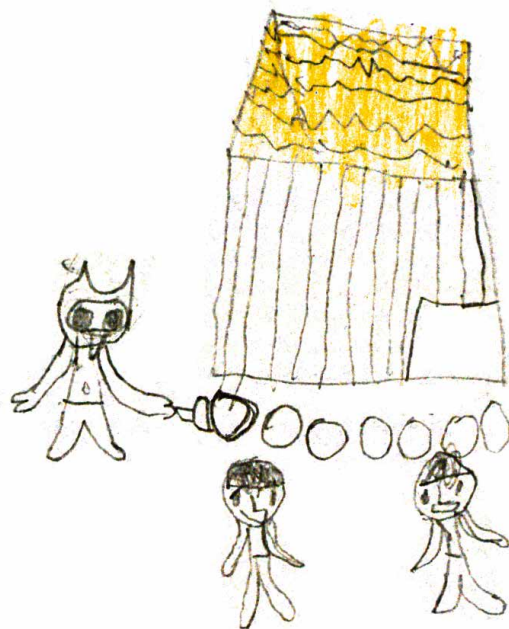
— Eu vou te ensinar – disse a coruja.

Novamente a coruja tirou a tampa de uma cuia e a casa ficou toda escura. Ela tampava a cuia e ficava claro dentro da casa, amanhecia. A coruja repetiu isso várias vezes.

— Agora é a sua vez. Eu quero ver se você aprendeu – disse a coruja.

Então o Awaete abriu a tampa de uma cuia e a casa toda escureceu. Depois ele colocou a tampa de volta na cuia e amanheceu. O Awaete repetiu isso muitas vezes.

— Eu vou dar a noite para você. Você sabe usá-la. Pode escolher uma cuia – disse a coruja ao Awaete.



No fundo da casa da coruja tinha uma cuia muito grande. O Awaete apontou e disse:

— Eu vou levar essa cuia grande.

— Essa cuia você não pode levar. Aí está guardada a noite mais longa. Ela demora muito para amanhecer. Se você não usá-la direito pode nunca mais amanhecer. Somente eu posso usar essa cuia. Leve uma cuia menor onde está guardada uma noite mais curta – disse a coruja.

— Está bem. Eu vou levar a cuia com a noite pequena – concordou o Awaete.

A coruja ensinou mais uma vez ao Awaete como usar a noite. Depois disso o Awaete falou para a coruja que precisava voltar para sua aldeia. Antes de ele partir a coruja o alertou:



— Lembre-se, você não pode dormir duas vezes. Durma só uma vez. Se você dormir duas vezes a noite será muito comprida.

O Awaete escutou com atenção as palavras da coruja. Agradeceu por ela ter-lhe dado a noite e voltou para sua aldeia. Ao chegar lá o Awaete falou para as mulheres, as crianças e todos ali presentes:

— Eu conheci outro povo da aldeia da coruja.

— Como é a coruja? – uma mulher perguntou.

— Ela é Awaete também. O nome da aldeia que é coruja. Lá eu vi uma coisa diferente.

A coruja dorme à noite – disse o Awaete.

— O que é a noite? Como a coruja dorme à noite?! – a mulher perguntou espantada.

— Nós dormimos de dia, mas a coruja dorme à noite. Lá é diferente. A coruja tem na sua casa muitas cuias de diferentes tamanhos e cada uma com sua tampa. Quando a coruja tira a tampa de uma cuia tudo fica escuro



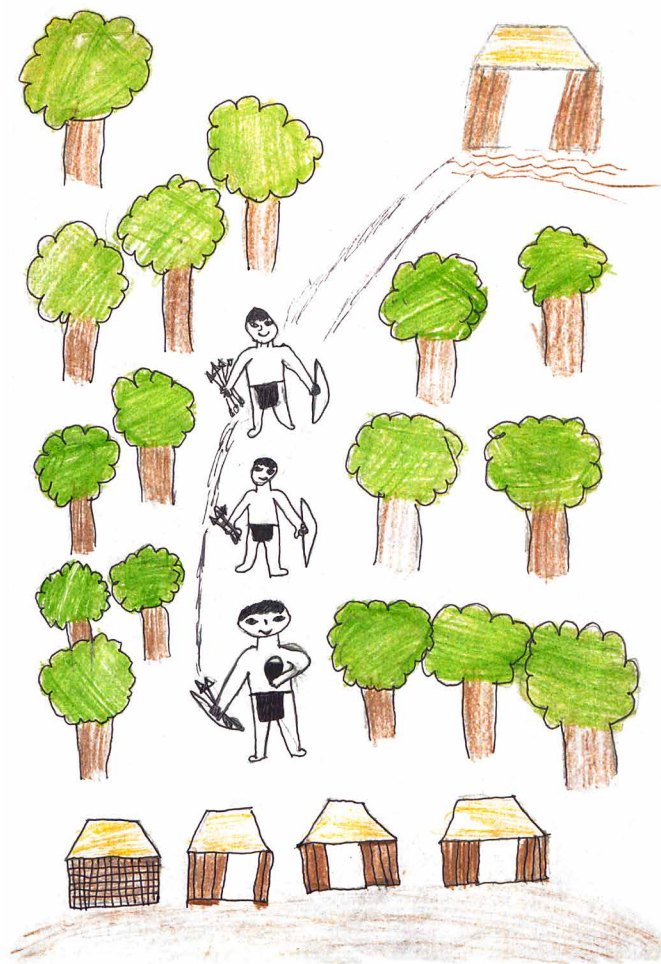
dentro da casa dela. Isso é noite. Somente dentro da casa da coruja fica tudo escuro. Fora não tem a noite. – explicou o Awaete.

— Por que você não trouxe a noite pra nós? – perguntou a mulher.

— A coruja deu a noite pra nós. Eu trouxe a noite. Nós vamos dormir à noite agora – disse o Awaete mostrando a cuia para a mulher e todos que o ouviam.

A coruja tinha explicado para o Awaete que ele só poderia abrir a cuia para anoitecer quando os homens que estavam caçando na mata já tivessem voltado para a aldeia. A coruja tinha avisado para o Awaete:

— Se você deixar algum Awaete lá na mata ele vai pedir socorro e você terá de levar uma lamparina para ele.



O Awaete ficou esperando todos voltarem da mata. Ele esperou durante muito tempo e já estava cansado.

— Está na hora de abrir a cuia para eu dormir. Já chegaram todos que estavam no mato caçando? – perguntou o Awaete para sua mulher.

— Está faltando um. Espera ele chegar – disse a mulher.

— Eu já vou dormir – disse o Awaete abrindo a cuia. E tudo escureceu.

O Awaete que estava voltando da mata, e nunca tinha visto a noite, quando tudo ficou escuro, gritou pedindo ajuda. Um Awaete que estava na aldeia respondeu e levou a lamparina para aquele que estava na mata com medo da noite.

— O que está acontecendo? Por que está tudo escuro? – perguntou o Awaete que estava voltando da mata.

— Isso é a noite. Foi a coruja que nos deu – explicou o Awaete que havia levado a lamparina.

Quando os dois chegaram na aldeia todos dormiram. Aquele Awaete que trouxe a noite acordou e pensou:

— Eu não vou tampar a cuia. Eu vou dormir mais!

E voltou a dormir enquanto os outros Awaete estavam esperando amanhecer. Todos na aldeia já estavam achando muito estranho

não amanhecer, pois sabiam que a coruja havia ensinado que era pra dormir só uma vez. Eles acharam a noite muito longa.

Finalmente amanheceu. O Awaete que havia trazido a noite acordou e todos na aldeia perguntaram para ele por que a noite estava tão longa.

— Porque eu acordei e quis dormir mais. Então eu não tampei a cuia – respondeu o Awaete que havido trazido a noite.

— Você não pode fazer isso! Você mesmo disse que a coruja falou que é pra dormir somente uma vez. Não podemos dormir duas vezes. Senão a noite fica muito longa! – disseram todos preocupados na aldeia.

Eles colocaram a tampa de novo na cuia. Todo dia os Awaete tiravam a tampa da cuia para anoitecer e



depois a tampavam para amanhecer. Fizeram isso durante muitos dias, conforme a coruja havia ensinado.

Passou muito tempo e um dia uma mulher saiu para pegar lenha e disse pra seu filho pequeno:

— Não pegue na cuia, pois ela pode quebrar. Se isso acontecer não teremos onde guardar a noite!

Depois de falar isso a mulher foi buscar lenha e a criança ficou brincando com a cuia. De repente a cuia caiu da mão da criança e quebrou. Tudo escureceu. A mãe da criança veio correndo, pois sabia que ele tinha desobedecido e quebrado a cuia onde a noite estava guardada.

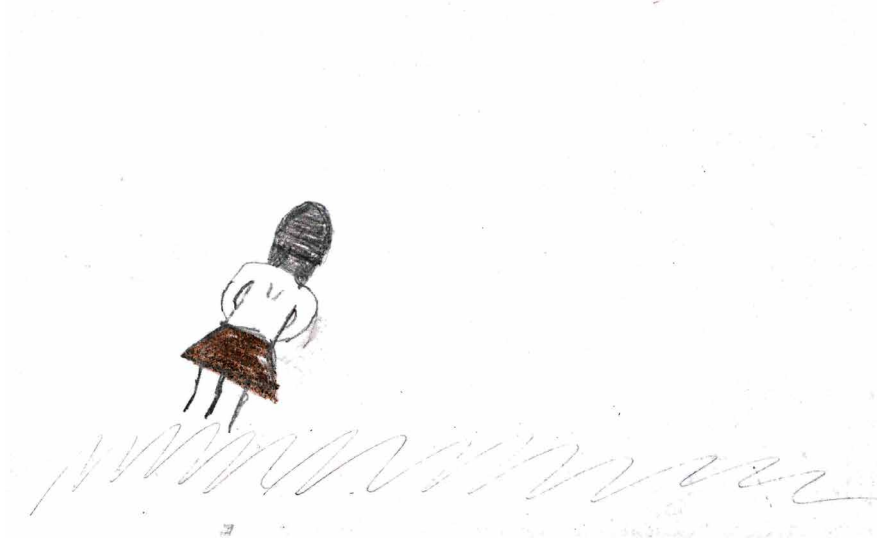
— Você quebrou a cuia onde a noite estava guardada? – perguntou a mulher para o seu filho.

— Eu quebrei – respondeu a criança.

Todos na aldeia ficaram preocupados e pensando que dali em diante seria noite para sempre. Que nunca mais iria amanhecer. A noite ficou longa. Os Awaete ficaram reunidos e disseram:

— Vamos dormir. Não tem mais como a gente guardar a noite. A cuia quebrou.

Todos foram dormir. Dormiram muito até que de repente amanheceu e todos os Awaete ficaram alegres.



A LUA E O TATUPEBA

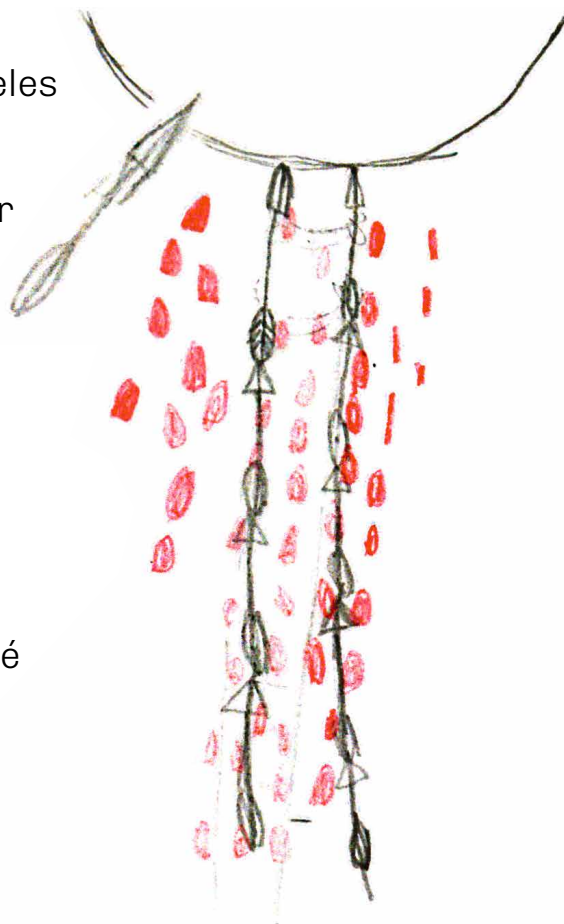
Há muito tempo atrás, quando nossos avós eram vivos, os Awaete queriam subir até o céu. Então eles se reuniram para flechar a Lua. Tentaram flechá-la várias vezes, mas não conseguiram. Os arcos não tinham força suficiente e as flechas não a alcançavam. Um tatupeba estava de longe



observando os Awaete. Achou estranho tudo aquilo e resolveu perguntar o que eles estavam fazendo.

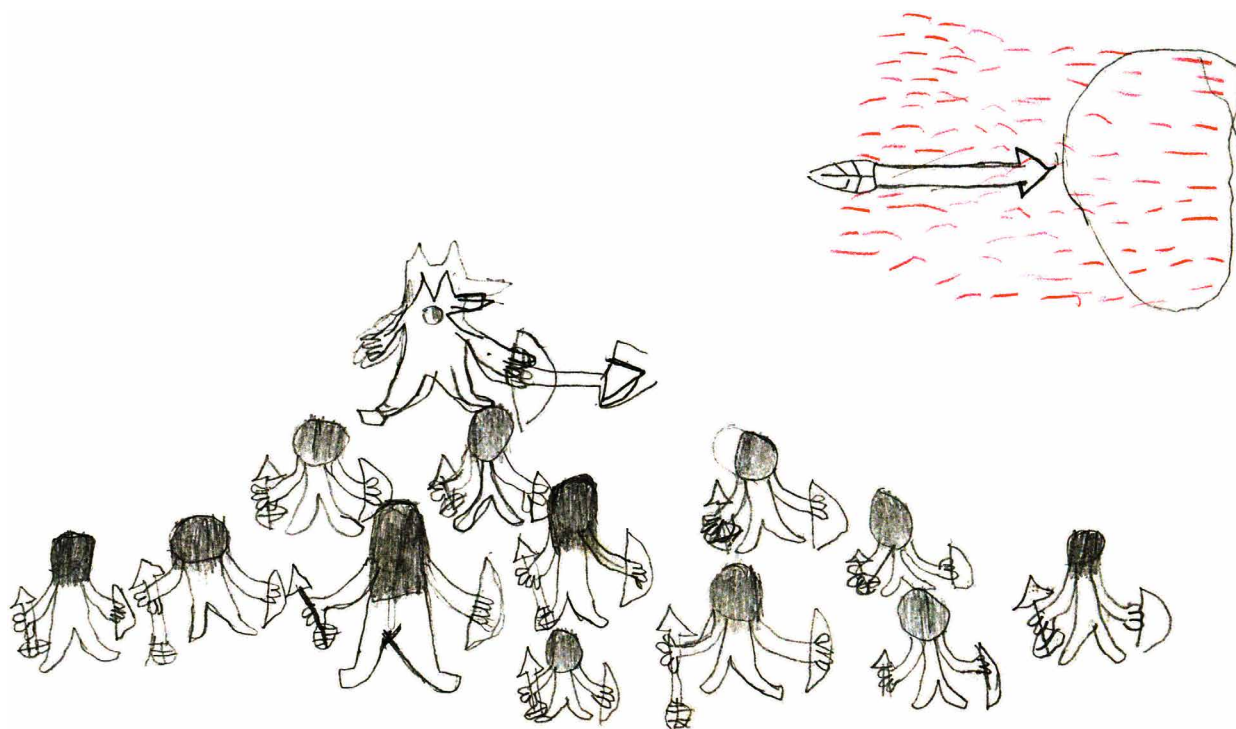
— Estamos tentando flechar a lua para ir para o céu, porém não temos força para lançar a flecha. Mas você é forte e pode nos ajudar, fazendo isso para nós – responderam os Awaete.

Então o tatupeba lançou sua flecha e conseguiu acertar a lua. Depois dessa flechada a lua começou a sangrar. Seu sangue respingava por toda parte. O pajé avisou para todos na aldeia não chegarem perto do sangue da Lua. Pediu para todos esperarem até o sangramento parar.



Uma jovem mulher, que chamamos *koxarame* na nossa língua, teimou e passou embaixo da lua. O sangue da lua pingou nas costas dela sem que ela percebesse. Quando o pajé viu, chamou a atenção dela lembrando-a que não podia ter feito aquilo. A *koxarame* ainda tentou negar que tivesse sido atingida pelo sangue da Lua. Mas o pajé afirmou que tinha visto tudo.

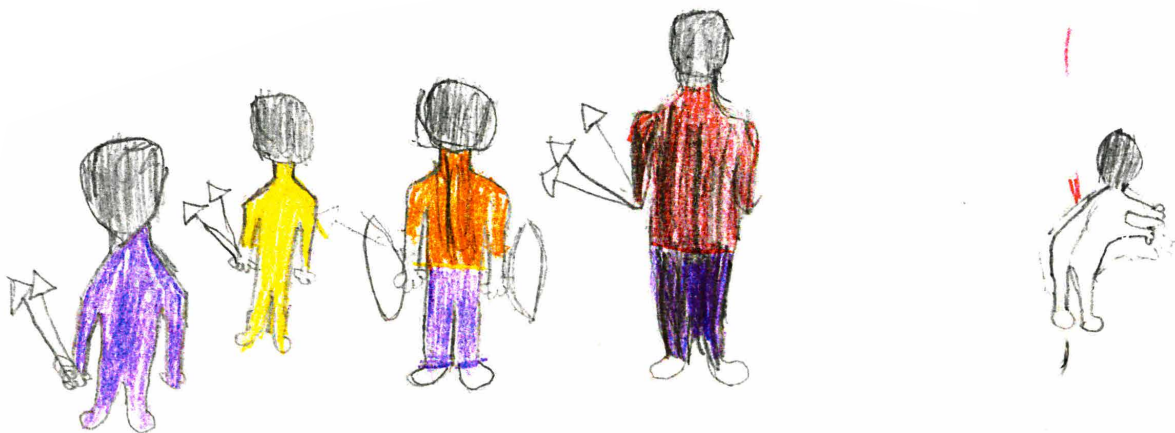
Os nossos avós nos explicavam que antigamente eram os homens que menstruavam, mas por conta da desobediência daquela *koxarame*, a



partir do dia que o sangue da lua
pingou em suas costas, todas as
mulheres passaram
a menstruar.

Depois que a lua parou de
sangrar os Awaete
continuaram a flechá-la dia
e noite.

Finalmente, com as flechas grudadas umas nas
outras, se formou uma escada da lua até chegar ao
chão. O pajé mandou um Awaete subir na escada
para ver como era o céu.



Ele subiu, olhou tudo, desceu e disse:

— O céu é um lugar muito bom para morar. Lá tem muita mata com árvores pequenas e sem muito cipó, também tem muita água nos rios.

Então o pajé mandou que todos os Awaete fizessem uma fila para subir ao céu pela escada de flechas. Começaram a subir de um por um: mulher, criança, homem, jabuti, onça, guariba, urubu, cutia,



trovão, mutum, catitú, porcão, tatu-canastra, tatu-bola, tatupeba, pássaros, anta, veado e todos os outros animais.

Nessa época o Trovão também vivia na terra e um Awaete queria matá-lo porque todos se incomodavam com o barulho que o trovão fazia. O Awaete ficou escondido atrás do mato esperando que o trovão tentasse subir na escada de flechas para então matá-lo.

Mas outro Awaete o viu escondido e perguntou por que ele estava ali. O Awaete se distraiu ao contar ao amigo suas intenções.

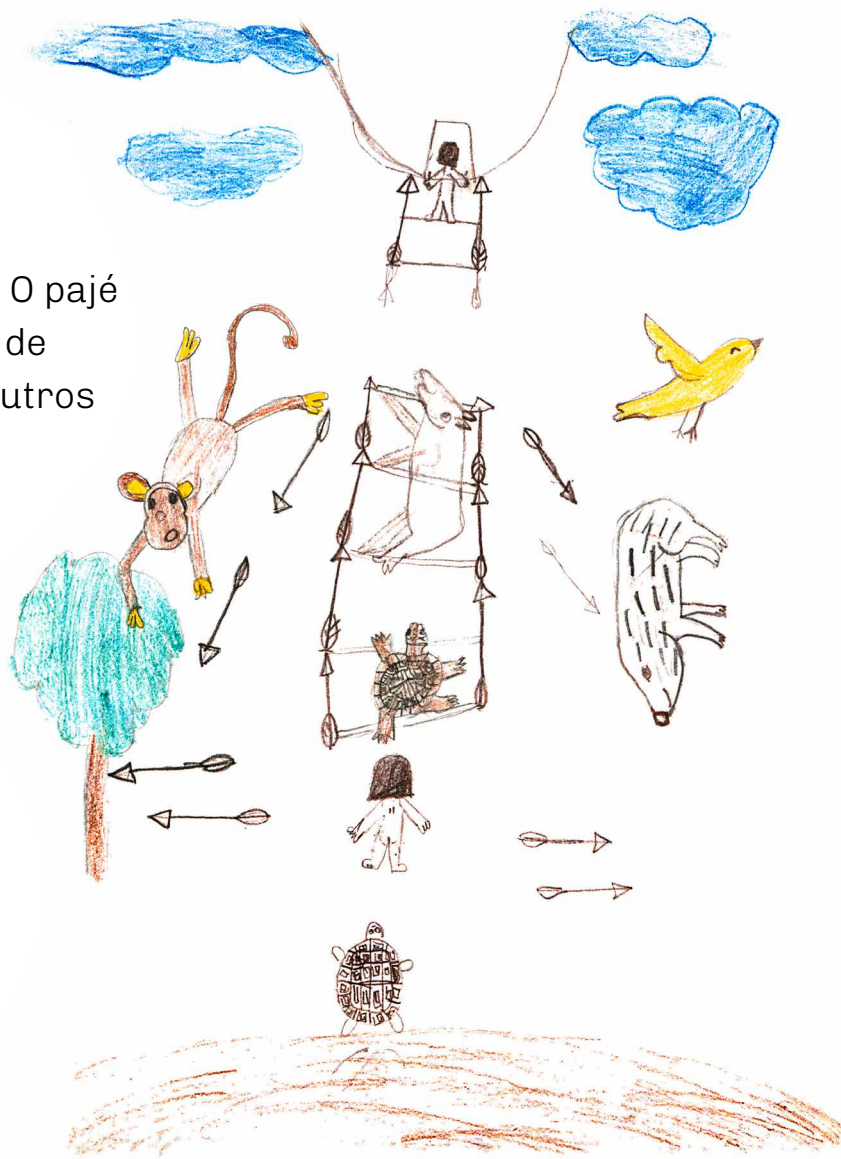
Os outros Awaete ficaram observando de longe. O trovão, muito esperto, subiu enquanto os Awaete conversavam. Quando o Trovão chegou ao céu pegou seu maracá e fez barulho. Os dois Awaete, que estavam esperando para matar o Trovão ficaram olhando e



discutindo inconformados enquanto o Trovão balançava seu maracá lá no céu muito feliz.

Os animais continuavam a subir a escada para o céu. O pajé tinha avisado para o casal de antas aguardar todos os outros animais subirem para não quebrar a escada. Mas o casal ficou com medo de ficar para trás, furou a fila e começou a subir. A certa altura a escada se rompeu e os animais começaram a cair, exceto alguns animais que conseguiram voar e terminaram de chegar ao céu.

Na queda, a onça bateu a cabeça no chão e



por isso ficou com a cabeça grande. O jabuti bateu o casco e por isso ficou todo trincado. O catitú caiu por cima da cabeça e machucou a cara. Por isso tem a cara inchada.

Os Awaete e os animais que conseguiram subir ficaram no céu. Os outros que estavam abaixo do casal de antas caíram de volta à terra.

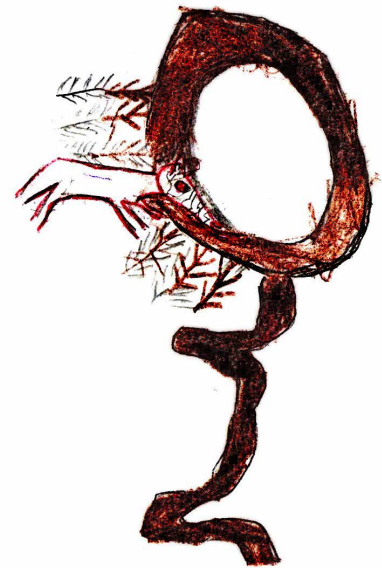
Depois que a escada se rompeu o tatu pediu para o seu filho ficar de tocaia para ele rezar. O filho do tatu fez a tocaia com palhas de inajá. Depois de pronta, o tatu entrou e falou para o filho colocar mais palhas porque aquelas não eram suficientes.

Então o filho do tatu foi pegar mais palhas. Enquanto isso o tatu cavou um buraco na terra e entrou. Quando o filho do tatu terminou de ajeitar as palhas, perguntou ao pai se estava bom e o tatu não respondeu. O tatu cavou, cavou até chegar numa ilha e deixou sua família na terra.

Lá de sua ilha, no fundo da terra, o tatu fez uma música para a terra.

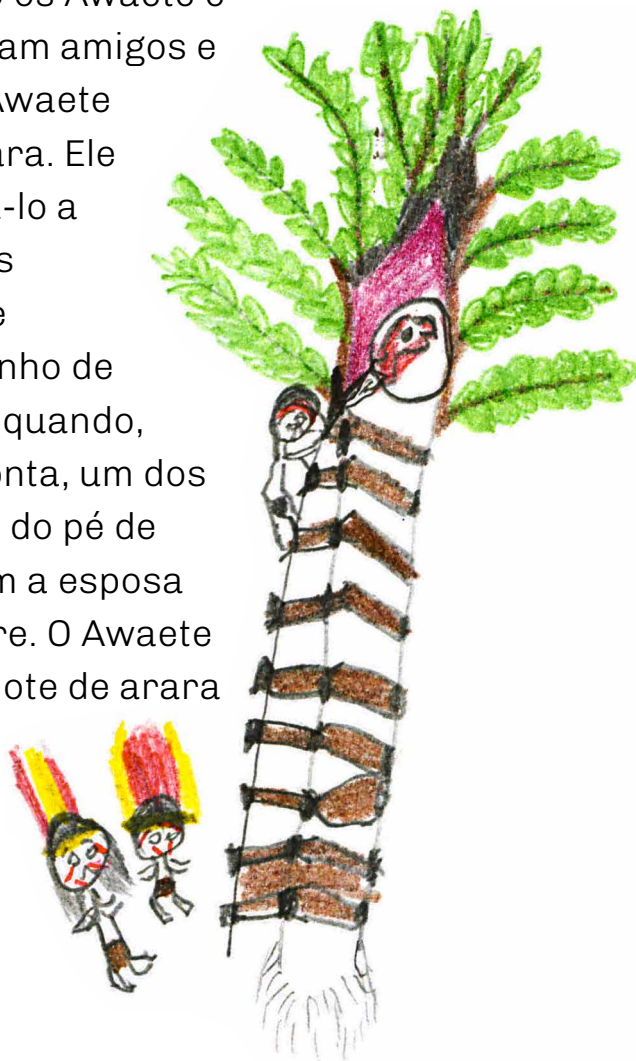
Eu vou embora

Eu vou embora



A HISTÓRIA DA ARARA

Há muito tempo atrás, quando os Awaete e todos os bichos da floresta eram amigos e falavam a mesma língua, um Awaete decidiu criar um filhote de arara. Ele chamou seu irmão para ajudá-lo a fazer uma grande escada, pois queria chegar ao alto do pé de Castanheira onde havia um ninho de arara. Depois de muito tempo quando, finalmente, a escada ficou pronta, um dos irmãos subiu e chegou ao alto do pé de castanheira. O outro ficou com a esposa aguardando embaixo da árvore. O Awaete que subiu a escada viu um filhote de arara no ninho, mas ele era muito novinho e ainda não tinha penas. Não era possível tirá-lo do ninho e levá-lo para criar em casa, pois ele não sobreviveria.



Embaixo do pé de castanheira o outro Awaete e a esposa aguardavam curiosos para ver o filhote de arara. Mas o Awaete que estava no alto da árvore falou:

— Não posso levar o filhote, não temos como criá-lo. Ele ainda não tem penas. Não vai sobreviver.

— Traz para eu conhecer, eu não conheço arara – insistiu o irmão que estava no chão.

— Não tem como eu levar, o filhote está muito novinho. Eu já falei! Agora que estão nascendo as penas dele – explicou novamente o Awaete no pé de Castanheira.

O irmão que estava no chão ficou insistindo muito e pedindo para que o Awaete que estava na Castanheira descesse com o filhote de arara.

— Não tem como eu tirar o filhote do ninho e levar para baixo. Ele pode escorregar da minha mão e morrer. Não vou tirá-lo do ninho! – falou mais uma vez o Awaete no pé de Castanheira.

Mas o Awaete que estava no chão continuava insistindo para seu irmão descer com o filhote de arara para ele ver.

— Eu já falei para você que a arara não tem pena! As penas dela estão nascendo agora, igual ao cabelo da tua mulher – respondeu já bravo o Awaete que estava no pé de castanheira.

O Awaete que estava no chão ficou com muita raiva dessa resposta porque o irmão falou da sua mulher e gritou:

— Eu vou cortar a escada para tu morrer aí em cima do pé de castanheira e nunca mais falar da minha mulher.

E foi logo cortando a escada. Assustado, o Awaete que estava no alto do pé de castanheira, ao ver a escada sendo cortada, perguntou ao irmão por que ele havia feito aquilo.

— Porque você estava falando mal da minha mulher. Agora tu vai ficar aí morrendo. Eu vou te deixar aí e vou embora – disse o Awaete que estava no chão. E saiu caminhando de volta para a aldeia.

O Awaete que estava no alto da castanheira gritou pedindo socorro, mas de nada adiantou.

O Awaete que cortou a escada chegou à aldeia e foi questionado por todos sobre onde estava seu irmão. Ele falou, ainda



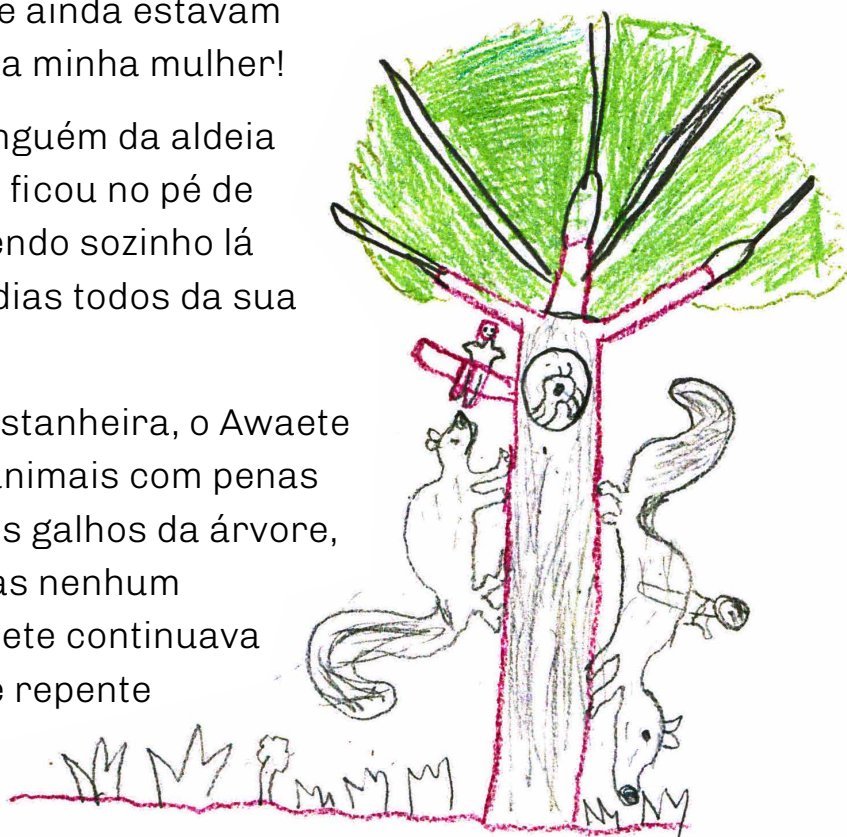
com raiva, que cortou a escada e deixou o irmão abandonado no alto do pé de castanheira para ele morrer sozinho.

— Por que você fez isso? – perguntou um outro irmão do Awaete.

— Porque ele falou mal da minha mulher! Eu pedi para ele descer com o filhote de arara para eu ver, mas ele disse que o filhote ainda não tem pena. Que as penas dele ainda estavam nascendo, igual ao cabelo da minha mulher!

Depois dessa explicação ninguém da aldeia quis ir ajudar o Awaete que ficou no pé de Castanheira. Ele ficou sofrendo sozinho lá em cima. Depois de alguns dias todos da sua aldeia foram embora.

Sozinho, no alto do pé de castanheira, o Awaete pedia ajuda para todos os animais com penas que voavam e pousavam nos galhos da árvore, como a arara e o urubu. Mas nenhum animal quis ajudá-lo. O Awaete continuava preso lá no alto, sozinho. De repente apareceu um Quatipuru gigante.



Quando o Awaete o viu, pensou: “ – Eu vou falar com o Quatipuru, talvez ele me ajude”.

— Se tiver gente aí que possa me ajudar, eu preciso da sua ajuda – disse o Awaete assim que o Quatipuru chegou bem perto do pé de castanheira.

— Eu sou gente! – disse o Quatipuru.

— O que você está fazendo aí em cima? – perguntou o Quatipuru olhando para cima.

— O meu irmão cortou a escada e eu fiquei preso aqui em cima, sozinho. Não tem como eu descer. Se você puder me ajudar eu te agradeço – disse o Awaete.

O Quatipuru disse que iria ajudá-lo. Subiu na Castanheira e lá ficou conversando com o Awaete. O Awaete explicou para o Quatipuru como tudo aconteceu. Então perguntou como o Quatipuru poderia ajudá-lo.

— Você vai subir nas minhas costas e descer comigo de cabeça para baixo – falou o Quatipuru.

O Awaete ficou com medo de descer de cabeça para baixo, escorregar das costas do Quatipuru e morrer. O Quatipuru o acalmou dizendo:

— Você não pediu ajuda? Eu vou te salvar. Só eu posso te salvar. Não vou te deixar morrer aqui sozinho. Pode confiar em mim. Eu vou te levar para baixo.

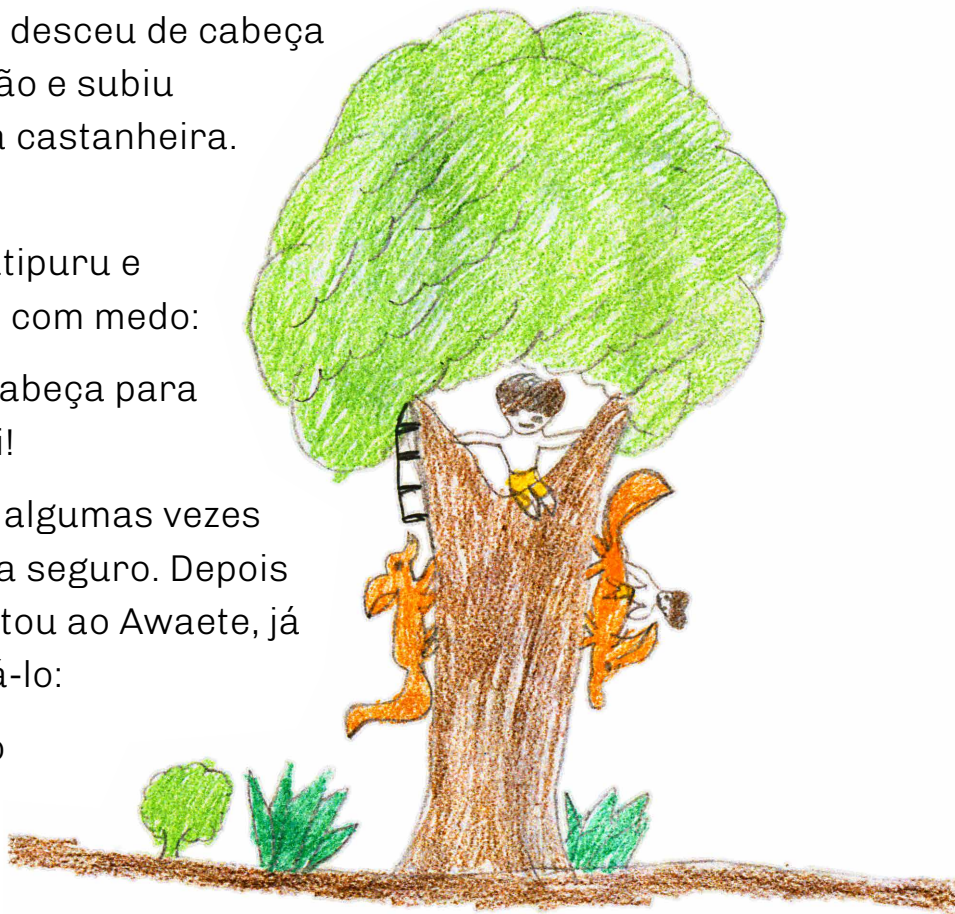
Eles ainda conversaram um pouco mais e o Awaete pediu para o Quatipuru mostrar como iria descer do pé de Castanheira. O Quatipuru desceu de cabeça para baixo. Chegou ao chão e subiu novamente pelo tronco da castanheira. Ele fez isso várias vezes.

O Awaete observou o Quatipuru e falou mais uma vez, ainda com medo:

— Eu não vou descer de cabeça para baixo. Eu vou morrer aqui!

O Quatipuru desceu mais algumas vezes para o Awaete ver que era seguro. Depois disso o Quatipuru perguntou ao Awaete, já quase desistindo de ajudá-lo:

— Você vai descer comigo ou não?



Tomando coragem o Awaete finalmente pulou nas costas do Quatipuru e decidiu descer com ele:

— Estou pronto! Pode descer – disse o Awaete.

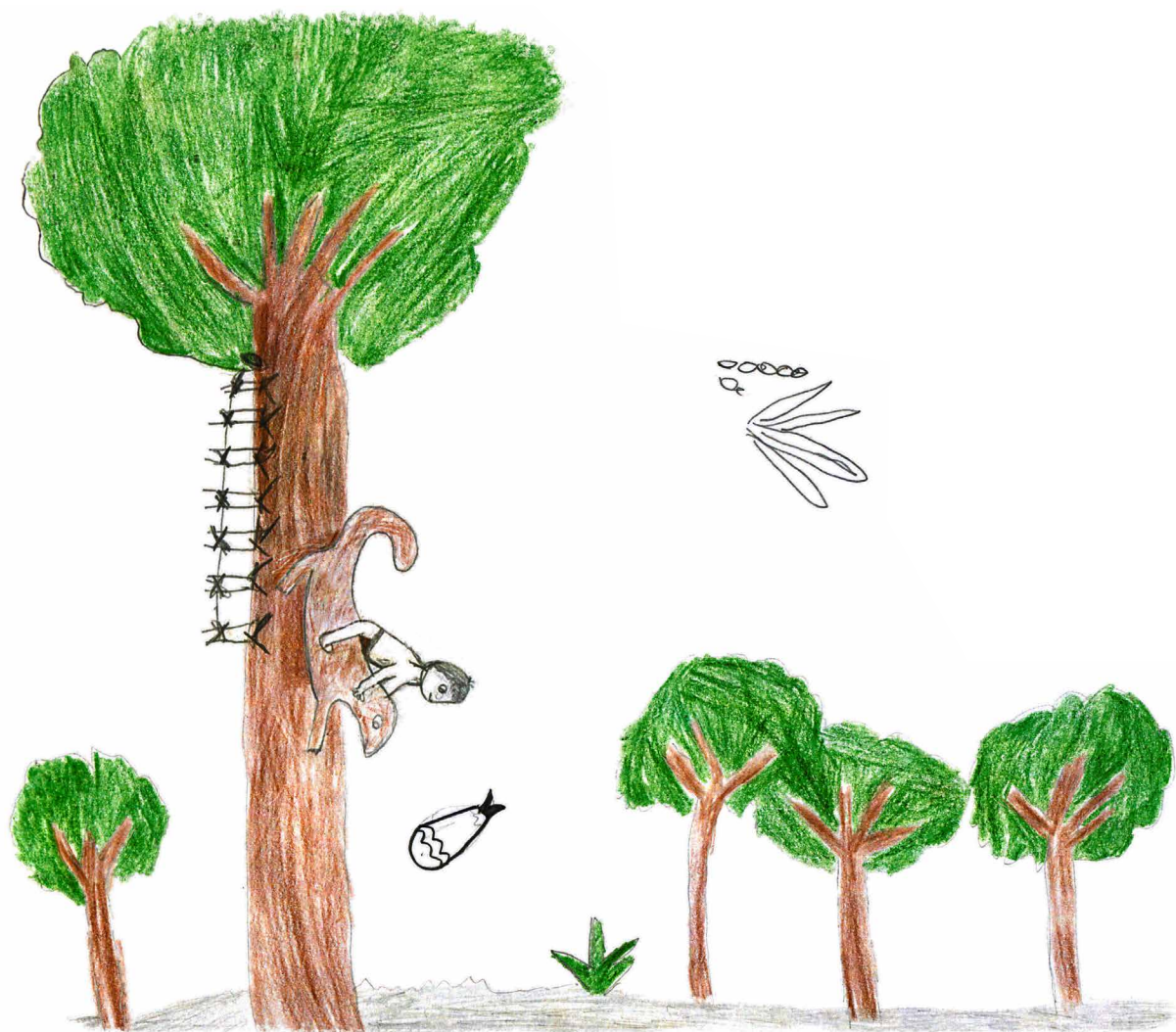
Rapidamente o Quatipuru desceu pelo tronco do pé de castanheira e deixou o Awaeté no chão. Como desceu de cabeça para baixo o Awaete não conseguiu localizar a direção onde estava a aldeia dos seus parentes. Ele estava confuso.

Sentou-se ao lado do Quatipuru, o abraçou e agradeceu. Eles ainda ficaram sentados debaixo do pé de castanheira conversando por algum tempo.

Depois de um tempo o Awaeté disse:

— Preciso procurar meus parentes que me deixaram aqui. Eu não sei mais o rumo da nossa aldeia. Não sei para onde eles foram, mas vou procurá-los.

Em seguida despediu-se do Quatipuru, agradecendo-lhe por tê-lo salvo. O Quatipuru seguiu seu caminho pela mata. O Awaete caminhou para outro rumo e quando anoiteceu dormiu embaixo de uma árvore na mata.



O pé de Inajá

À noite, enquanto o Awaeté dormia debaixo de uma árvore, algo caiu no chão falando:

— Quem é que vai me comer?

O Awaete não sabia, mas estava debaixo do pé de Inajá. Naquele tempo os Awaete ainda não conheciam o pé de Inajá e não sabiam que podiam comer seu fruto.

O Awaete ficou atento,
ouvindo essa voz
e pensou:

— Deve ter algum
Awaete aqui perto.

Toda vez que caía um
fruto do inajá o
Awaete ouvia:

— Quem é que vai
me comer?

O Awaete pensou:



— Deve ser um Awaete bravo, um parente que não conheço e que está aqui perto.

O Awaete podia correr dali, mas decidiu ficar observando para tentar saber quem estava falando a noite toda. Ele esperou amanhecer. Então levantou e foi procurar quem estava falando e viu o pé de Inajá.

— Será que era o Inajá falando a noite toda? – pensou o Awaete.

Ele foi se aproximando da árvore e viu muito Inajá no chão.

— Se o Inajá estava perguntando “quem vai me comer?” então eu vou provar – pensou o Awaete já pegando o Inajá do chão e comendo-o.

— Inajá é bom! Eu vou comer mais – disse o Awaete.

Ele comeu até encher a barriga. Quando acabou de comer o Inajá o Awaete levantou e falou alto:

— E agora! como eu vou fazer para levar inajá para comer mais adiante?

Um passarinho que estava perto respondeu:

— *Ywapirapopepope.*

O passarinho ficou falando isso várias vezes. O Awaete parou para escutar com atenção enquanto o passarinho repetia outra vez. Até que entendeu e falou:

— O passarinho está falando para eu fazer *peyra*¹.

Ele fez a *peyra* e quando terminou de fazer pensou:

— E agora para eu amarrar? Não tem como eu levar!

A cigarra, que estava numa árvore ali perto, falou:

— *ywira, ywira!*

— Eu acho que a cigarra está falando *ywira!* Eu vou procurar – pensou o Awaete.

Ele foi procurar e achou *ywira*. Foi assim que o Awaete aprendeu a colher inajá e carregá-lo do jeito que o passarinho ensinou, pois naquele tempo não sabia fazer *peyra*. Foi o passarinho que o ensinou.

Quando o Awaete terminou de amarrar a *peyra* cheia de inajá, seguiu caminhando pela margem do rio. Caminhou até ver bem adiante o baixão do igarapé grande.

Era o rio Tocantins, nossa Terra, onde o nosso povo morava antigamente. O Awaete chegou na beira do rio, do Rio Grande, e observou com atenção tudo a sua volta.

1 *Peyra* – espécie de bolsa que os Awaete fazem de cipó ou palha para carregar caça ou utensílios.



O encontro com Tororia

O Awaete pensou que seria bom descer pela margem do rio. Enquanto caminhava, ele viu, bem distante, uma mulher balançando na rede. Então parou e observou que era uma Awaete e não tinha ninguém próximo dela. A mulher estava balançando sozinha na rede.

— Eu vou lá conversar com aquela mulher – pensou o Awaete enquanto caminhava em direção à ela. Ao se aproximar da rede ele perguntou para a mulher:

— Quem é você?

— Eu sou Tororia. Sou uma índia tororia – respondeu-lhe a mulher.

— Onde estão seus parentes?
– continuou a perguntar o Awaete.



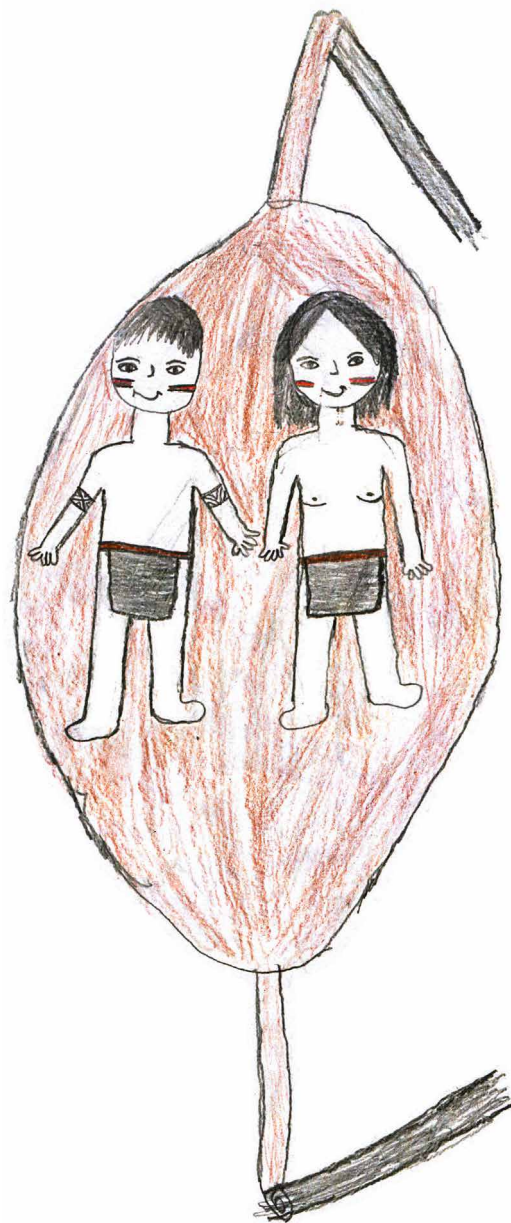
— Eu não tenho parentes. Eu moro sozinha. E você, o que faz aqui sozinho? – perguntou a mulher.

— Eu estou procurando meus parentes, a nova aldeia. Faz muitos dias que eles me abandonaram – explicou o Awaete.

Tororia e o Awaete ficaram conversando por muito tempo. Ela explicou ao Awaete que lá não tinha nenhuma aldeia.

— Eu vou deitar contigo nessa rede – disse o Awaete para Tororia.

— Você precisa amarrar outra corda na rede para deitar aqui comigo. Essa corda que está aí vai quebrar. A corda é fraca e não aguenta duas pessoas na rede. Primeiro procure outra corda para colocar na rede e depois você deita comigo – alertou Tororia.



O Awaete insistiu:

— Eu vou deitar assim mesmo. A corda não vai quebrar.

Tororia mais uma vez disse:

— Você tem de colocar outra corda porque essa não aguenta duas pessoas. Se a corda quebrar eu vou embora. Vou para o outro lado do rio!

O Awaete continuou teimando. Fazia muito tempo que ele não via nenhuma mulher e queria muito deitar na rede com Tororia. Ela o deixou deitar, mas repetiu o aviso:

— Você pode deitar, mas eu já avisei que a corda vai quebrar. E quando quebrar eu vou para o outro lado do rio.

Quando o Awaete deitou na rede a corda quebrou e Tororia voou para o outro lado do Rio Grande.

— Bem que ela mandou eu reforçar a corda, mas eu sou teimoso e perdi a mulher – pensou o Awaete.

Ele ouviu Tororia cantar do outro lado do Rio Grande e disse:

Eu vou atrás de Tororia. Vou caminhando aqui pela margem do rio até encontrar algum pau caído na água e eu atravesso por cima dele para o outro lado.

De repente o Awaete viu algo no meio do rio. Ele pulou em cima, balançou um pouco e pensou:

— É forte, não vai quebrar.



O jacaré gigante

O Awaete pensava que estava em cima de um tronco de árvore no rio, mas era um jacaré gigante. Assim, em cima do jacaré gigante, o Awaete foi subindo e descendo o rio e ouvindo Tororia cantar na cabeceira do Rio Grande.

Quando chegou do outro lado do Rio Grande o Awaete queria descer, mas para demonstrar respeito com o jacaré gigante e não ser comido por ele, o Awaete disse:



— Eu subi nas costas do meu avô.

O jacaré foi com o Awaete para o meio do Rio Grande e ficou levando-o para cima e para baixo ao longo do rio. Sentindo-se muito só, o Awaete pensou que era hora de pedir para o jacaré deixá-lo na margem do outro lado do rio. E disse:

— Avô, me leve para a margem do rio, o sol está muito quente! Eu não estou mais aguentando. O sol vai me queimar e me matar.

O jacaré acreditou e o levou para a margem do Rio. Mas o jacaré percebeu que o Awaete estava tentando descer e o levou de volta para o meio do rio.



O sol continuou muito quente e o jacaré levou o Awaete mais uma vez para margem do rio. Quando o Awaete se mexeu, tentando pular em terra firme, o jacaré o jogou no meio do Rio outra vez. O Awaete viu que o Jacaré era muito sábio. O jacaré falou para o Awaete:



— Meu neto, deixa eu te falar meu nome. Meu nome é jacaré feio, olho feio, nariz feio.

O Awaete, esperto, respondeu:

— Não, meu avô, você é muito bonito!

O Awaete falou assim para se proteger e o jacaré não comê-lo. O jacaré levou o Awaete mais uma vez para o meio do rio. De repente o Awaete ouviu um barulho e viu que outro jacaré gigante vinha em sua direção, subindo o rio. E entendeu que os dois jacarés estavam se comunicando. O Awaete ficou com medo de ser comido pelos jacarés.

— Eu vou pedir mais uma vez para o jacaré me levar para a margem do rio, mas eu vou tampar o olho dele e quando chegar lá eu pulo na areia – pensou o Awaete.

E assim ele fez. O jacaré levou o Awaete para a margem do rio e, com os olhos tapados pelo Awaete, bateu no barranco de terra. O Awaete pulou na areia sem que o jacaré visse e saiu correndo. O jacaré ficou mergulhando e procurando o Awaete, mas não o encontrou.

O Awaete percebeu que havia voltado para o mesmo lado do rio onde tinha pulado nas costas do jacaré. Percebeu que não tinha conseguido atravessar para encontrar Tororia.





O Socó

O Awaete saiu caminhando pela mata até encontrar um caminho que o levou à margem do rio onde viu outro Awaete chamado Socó que na nossa língua chamamos *Haka*. O Socó estava pescando com timbó. Na nossa cultura, quando avistamos outro Awaete nós cumprimentamos chamando *awa'ka*.

De longe o Awaete falou:

— *Awa'ka*.

E o Socó também cumprimentou o Awaete.

— Qual o seu povo? – perguntou o Awaete.

— Eu sou Socó.

O Awaete perguntou ao Socó se poderia se aproximar e conversar com ele. O Socó concordou e o Awaete se aproximou do lugar onde o Socó estava pescando.

— Onde estão seus parentes? – perguntou o Socó.

— Eu ando sozinho. Faz muito tempo que meus parentes me abandonaram. Eles me deixaram muito tempo preso em

cima de uma Castanheira – explicou o Awaete, perguntando em seguida se o Socó havia visto alguma aldeia lá perto.

— Eu moro sempre na margem do rio e não vi nenhuma aldeia por aqui. Por que você não vai procurar seus parentes? – perguntou o Socó.

— Eu não fui ainda porque acabei de chegar aqui. Eu pulei de cima do jacaré e consegui fugir.

— Você não sabia do jacaré gigante? – perguntou o Socó ao Awaete.

— Eu não sabia – respondeu o Awaete.

— Eu conheço o jacaré gigante. Ele virá atrás de você porque não deixa ninguém ir embora. Ele virá atrás de você – alertou o Socó.



O Awaete ficou preocupado e perguntou ao Socó como poderia se proteger do jacaré gigante.

— Se você fugir, o jacaré vai te pegar lá na frente. Ele segue o seu rastro. O único jeito de te salvar é eu te engolir – disse o Socó.

— Você vai me engolir? – perguntou assustado o Awaete.

— Daqui a pouco o jacaré chega. Ele está vindo aí – alertou mais uma vez o Socó.

O Awaete começou a ouvir um barulho de árvores quebrando. Era um barulho semelhante ao de um trator derrubando as árvores na mata. Esse era um sinal de que o jacaré estava se aproximando.

Vendo o Awaete assustado o Socó falou mais uma vez para ele que para salvá-lo teria de engoli-lo e, depois que o jacaré fosse embora, colocá-lo para fora.

— Você não pode me engolir. Eu vou morrer! – disse o Awaete.

— Você não vai morrer. Eu vou te engolir e te colocar para fora novamente – explicou o Socó.

Demorou, demorou, demorou e o barulho do jacaré quebrando as árvores ficava cada vez mais próximo. O jacaré já estava bem perto. O Socó falou ao Awaete pela última vez:

— O jacaré já está chegando. Para te salvar eu tenho de te engolir logo ou o jacaré vai te pegar!

Eles ouviram barulho de madeira quebrando bem perto. Então o Awaete decidiu:

— Tudo bem. Pode me engolir. Eu vou confiar em você.

O Awaete entrou na boca do Socó.

O Socó continuou comendo peixe, pois sabia que o jacaré gigante ia exigir que ele vomitasse para provar que não sabia onde estava o Awaete.

Depois de comer muito peixe, o Socó atravessou para o outro lado do rio. Quando retornou, o jacaré gigante já estava esperando por ele. Eles eram amigos.

Ao ver o Socó o jacaré falou:

— Amigo, você viu alguma pessoa vindo para cá? Eu segui um rastro até aqui. A última pegada está aqui. Você viu alguém passar aqui?

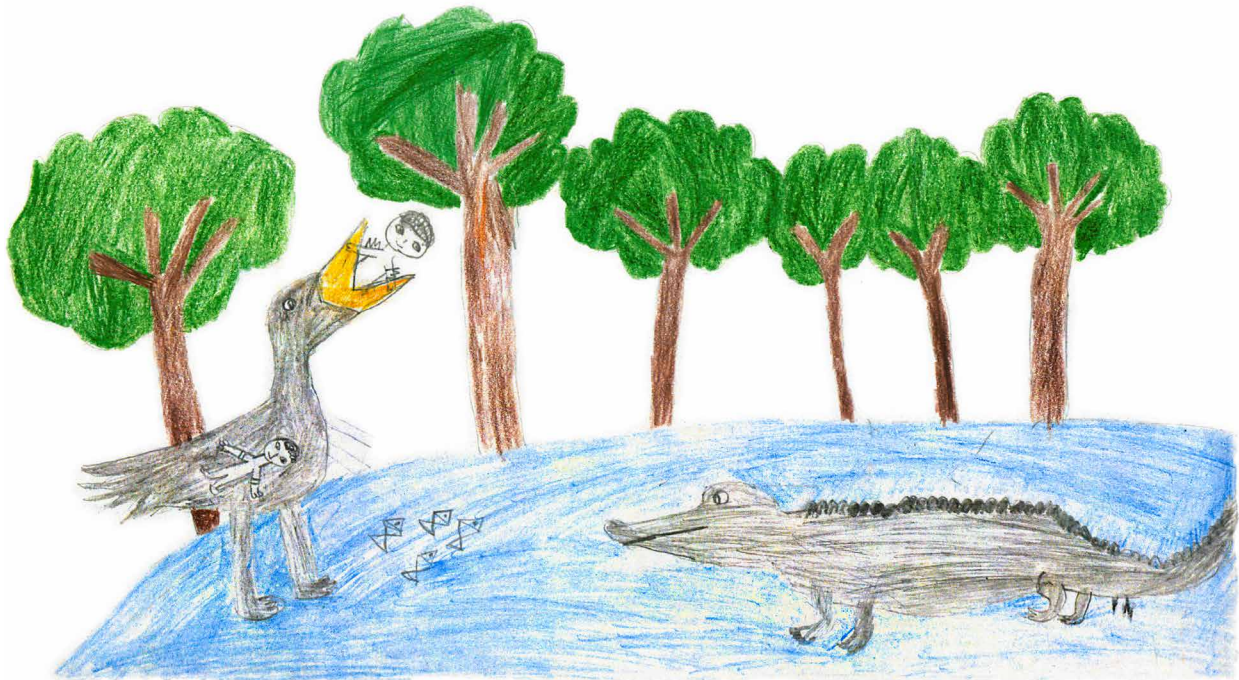
— Eu estava matando peixe com timbó e não vi ninguém passar aqui. Ele veio por onde? – perguntou o Socó.

— Veio por aqui. A última pegada está aqui – repetiu o jacaré gigante.

— Eu não vi. Talvez ele tenha chegado aqui e voltado por outro caminho. Vai por aqui procurar – falou o Socó indicando para o jacaré gigante um caminho qualquer na mata.

O jacaré saiu e seguiu na direção indicada pelo Socó. Não encontrou ninguém e voltou até o local onde estava o Socó.

— Você encontrou o rastro da pessoa que está procurando? – perguntou o Socó ao jacaré gigante quando o viu se aproximando.



— Não encontrei nada! O rastro termina aqui na margem do rio – disse irritado o jacaré gigante.

O Socó continuou comendo peixe no rio. O jacaré olhou para a barriga do Socó e perguntou:

— Será que você engoliu o homem que eu estou procurando?

— Não, eu não engoli ninguém. Talvez ele tenha chegado aqui e seguido outro caminho – disse o Socó.

O jacaré mais uma vez saiu procurando rastros do Awaete na mata e se afastando da margem do rio. Depois de um tempo o jacaré gigante voltou mais irritado dizendo para o Socó:

— Agora vamos conversar sério! Eu acho que você engoliu o homem. Vomita para eu ver!

— Tudo bem. Eu vou vomitar. Eu vou provar que não engoli ninguém – disse o Socó ao jacaré gigante.

O Socó vomitou, vomitou, vomitou várias vezes. Saiu todo o peixe que ele havia comido. Por fim, ele disse ao jacaré gigante:

— Eu não comi ninguém! Você está vendo que só estou vomitando peixe. Agora você pode voltar e procurar ele mais longe daqui. Siga na margem do rio. Quando chegar ao final retorna para cá novamente, talvez você encontre o rastro.

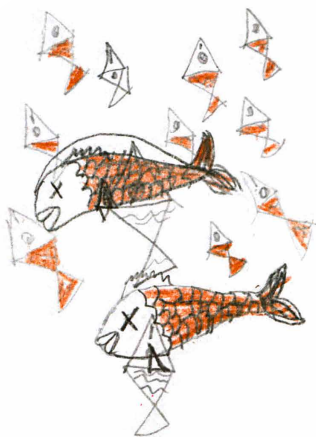
O jacaré acreditou no Socó e seguiu a sugestão dele. Enquanto isso, na barriga do Socó, o Awaete ouvia toda a conversa. Quando o jacaré já estava muito longe, o Socó jogou para fora o Awaete. Ele levantou e perguntou ao Socó:

— E agora, para onde eu vou?

— Siga caminhando por dentro do igarapé todo o tempo. Não ande pela margem do rio. Lá na frente você entra pelo mato, senão o jacaré vai encontrar teu rastro – orientou o Socó.

— Eu preciso banhar, estou com cheiro de peixe – disse o Awaete.

— Não dá tempo de você banhar agora. Tome banho mais à frente – alertou o Socó.





A aldeia da Anta

O Awaete seguiu todas as orientações do Socó e caminhou por muito tempo até que viu alguns rastros na mata. Seguiu-os e chegou à aldeia da Anta.

Ao chegar há uma certa distância da aldeia o Awaete chamou bem alto:

— Qual é seu povo?

— Essa é a aldeia da anta. Nós somos Awaete também, mas o nome da nossa aldeia é aldeia da anta – alguém da aldeia respondeu, perguntando em seguida:

— O que você está fazendo aqui?

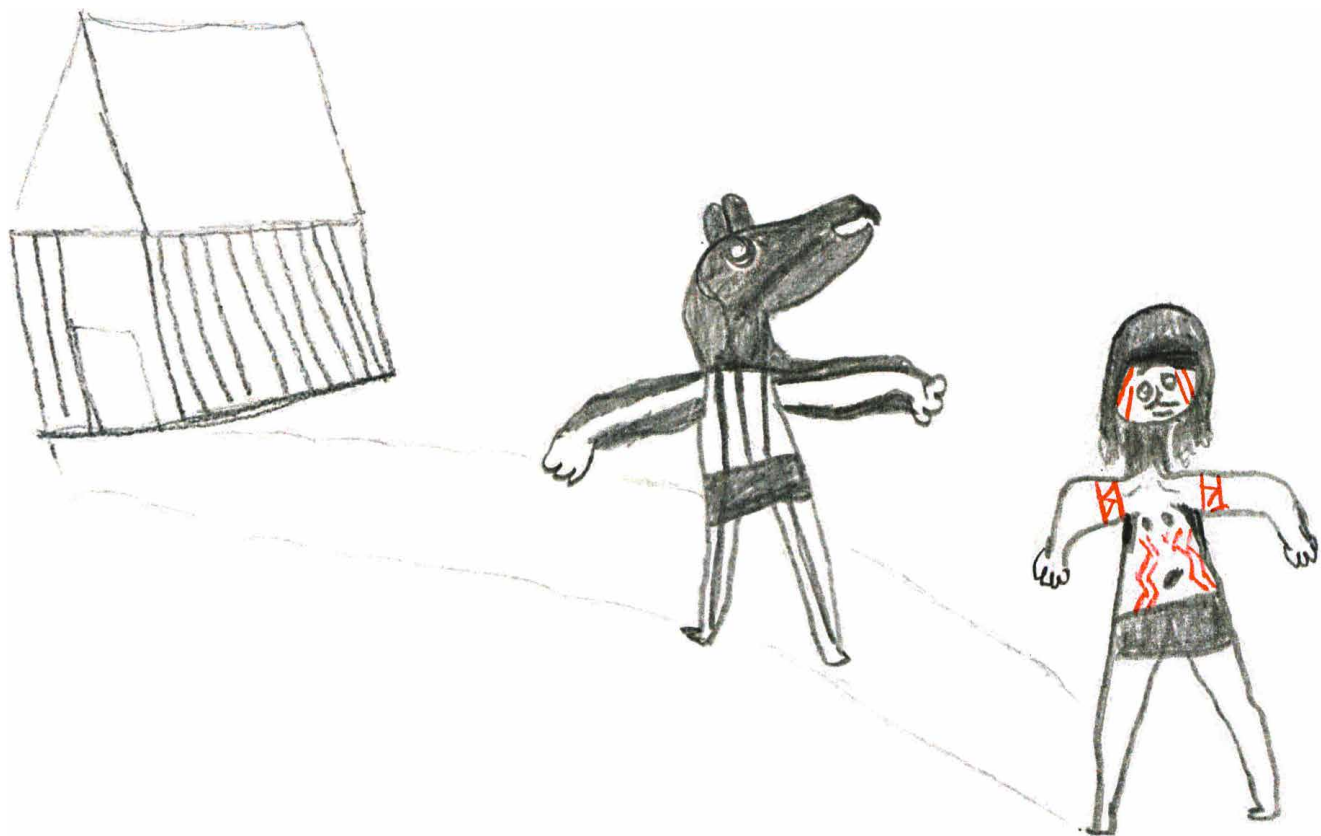
— Eu estou procurando meus parentes. Faz muito tempo que eles me deixaram sozinho no mato – disse o Awaete.

— Aqui não tem aldeia dos seus parentes. Nunca vi. Talvez do outro lado da mata tenha alguma aldeia. Pode entrar na minha aldeia para conversarmos – disse a anta.

O Awaete caminhou um pouco mais e entrou na aldeia. Eles conversaram muito e a anta o convidou para morar na sua aldeia.

— Se você ficar aqui pode casar com a minha filha. Você aceita? –
perguntou a anta.

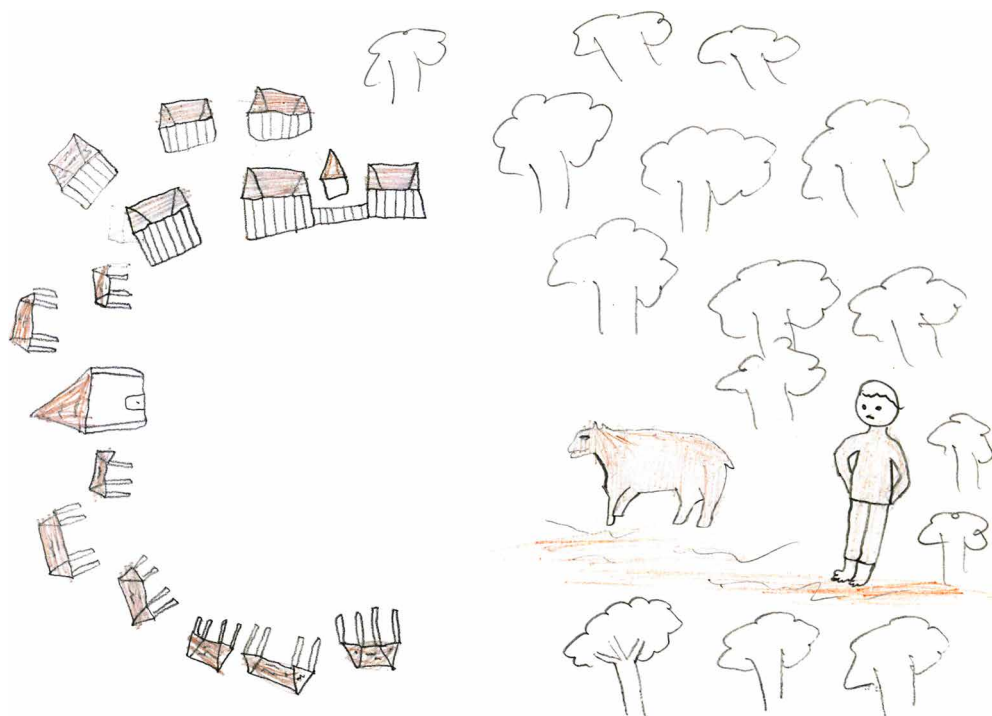
— Eu aceito. Vou morar com vocês – respondeu o Awaete.



Passaram-se muitos dias depois que o Awaete casou. Então ele começou a ficar triste e não quis mais ficar naquela aldeia. Decidiu conversar com seu sogro, dizendo:

— Eu estou muito triste! Preciso continuar procurando meus parentes. Se eu não os encontrar volto para cá e continuo a viver com sua filha.

— Pode sair para procurar seus parentes. Se você não os encontrar, volte a morar conosco – concordou o sogro do Awaete.



Antes de o Awaete ir embora, o seu sogro o orientou:

— Vá primeiro para a aldeia do tatu que é aqui perto da nossa aldeia. Lá você poderá descansar. Mas tenha cuidado, lá a comida é diferente! Aqui nós comemos cajá. Fazemos o mingau da cajá e você come. A comida da aldeia do tatu você não conseguirá comer. Quando te oferecerem comida, diga: “ – não, obrigada. Eu acabei de comer, estou sem fome”.

O Awaete ouviu as orientações do sogro com atenção. Antes de sair despediu-se de todos e agradeceu pelo tempo que viveu na aldeia. A anta ensinou o caminho da aldeia do Tatu ao Awaete:

— Pegue esse caminho direto que você chegará à aldeia do tatu. E lembre de não comer a comida que eles oferecerem.

O Awaete agradeceu e seguiu rumo à aldeia do tatu em busca da aldeia dos seus parentes.

Na aldeia do Tatupeba

O Awaete seguiu pelo caminho indicado pela anta até avistar no alto de uma serra, ao longe, a aldeia do tatu. A uma certa distância da entrada da aldeia ele chamou bem alto:

— De quem é essa aldeia?

— Essa é a aldeia do tatu. Entre na minha aldeia para conversarmos – respondeu alguém lá dentro da aldeia.

O Awaete aceitou o convite e entrou na aldeia.

— O que você está fazendo aqui? – perguntou o tatu assim que o Awaete se aproximou.



— Eu estou procurando meus parentes. Faz muito tempo que eles me abandonaram. Por acaso você não viu alguma aldeia de Awaete aqui perto de você? – perguntou o Awaete.

— Eu nunca vi. Aqui não tem aldeia de Awaete – respondeu o tatu.

O Awaete e o tatu conversaram por muito tempo até que o tatu falou:

— Na verdade tem uma aldeia aqui perto da nossa. Talvez seja a aldeia dos seus parentes.

— Por que você acha isso? – perguntou o Awaete.

— Porque toda noite nós vamos visitar essa aldeia, mas eles matam muitos de nós. Essa noite você pode vir conosco. Você vai ouvir as vozes deles e poderá dizer se são seus parentes.

Enquanto conversavam, o tatu ofereceu comida ao Awaete e, seguindo o conselho da anta, o Awaete recusou dizendo que estava sem fome porque já havia comido no caminho.

À noite houve a reunião que nós chamamos *tekatawa*. Todos os tatus reuniram-se no centro da aldeia. Então o tatu chefe falou:

— Quem vai primeiro com o Awaete para ele poder ouvir se são os parentes dele falando naquela aldeia?

Dois tatus disseram que iriam com o Awaete. Então seguiram para a aldeia. Ao chegarem lá perto da aldeia o Awaete ouviu muitas vozes dizendo:

— Mata o tatu!

O Awaete saiu correndo e conseguiu escapar, retornando para a aldeia do tatu. Mas os tatus que foram com ele morreram. Todas as noites seguintes o Awaete ia com os tatus até bem perto daquela aldeia. Muitos tatus morreram, mesmo os tatus bem grandes, mas o Awaete conseguia escapar e voltar para a aldeia.

Depois de muitos dias o chefe da aldeia do tatu perguntou ao Awaete se ele havia entendido a língua falada na aldeia onde eles iam todas as noites.

— São seus parentes as pessoas naquela aldeia? – perguntou o tatu.

— Eu entendi um pouco, mas não dá para ouvir direito porque ficamos longe da aldeia. Ainda não tenho certeza se são os meus parentes! – disse o Awaete.

O Awaete ficou ainda muitos dias na aldeia do tatu até que o chefe da aldeia falou:

— Siga esse caminho que fazemos toda noite e você vai chegar à aldeia dos seus parentes.

O Awaete agradeceu ao tatu e toda sua aldeia e seguiu o caminho indicado pelo tatu.





De volta à aldeia dos parentes

O Awaete encontrou os rastros dos seus parentes e os seguiu até chegar bem perto da aldeia deles. Ele observou que só havia mulheres (*koxoa*) na aldeia e que homens provavelmente haviam saído para caçar. O Awaete se aproximou um pouco mais da aldeia e ficou escondido observando, tentando identificar se eram seus parentes. Ao se aproximar um pouco mais da aldeia ele teve certeza que aqueles eram seus parentes.

Então ele gritou chamando alguém dentro da aldeia. Uma mulher gritou, de dentro da aldeia, perguntando quem estava chamando.

— Sou eu, minha irmã. Eu vim te visitar, disse o Awaete.

A mulher reconheceu a voz do seu irmão, correu até ele, o abraçou e perguntou como ele havia conseguido descer do pé de castanha sem a escada.

— Foi o *wawere* que me salvou, minha irmã!, disse o Awaete. *Wawere* é como os Awaete chamam o Quatipuru.

Depois disso, o Awaete perguntou pelo irmão que havia cortado a escada para ele não descer do pé de castanheira. A mulher explicou que ele e todos os demais homens da aldeia estavam caçando no mato e só voltaria no dia seguinte. Ela convidou o Awaete para conhecer a aldeia. Ele foi e ficou conversando com sua irmã e as outras mulheres.

— A sua casa ainda está aí. Eu fiquei todo esse tempo cuidando da sua casa, ela está limpa. Você pode ficar lá, falou a irmã do Awaete.

O Awaete foi para sua casa descansar. Mas as crianças e as mulheres muito curiosas não o deixaram descansar porque queriam que o Awaete contasse tudo que aconteceu. Então ele contou como o Quatipuru o salvou do pé de castanheira, como ele aprendeu a comer inajá e fazer *peyra*. Falou sobre tororia e como atravessou o rio sobre o jacaré, como o socó o ajudou a enganar o jacaré. Falou sobre a aldeia da anta e do tatu e como de lá conseguiu chegar até a aldeia dos parentes. As mulheres e as crianças ouviram tudo atentamente. Os homens da aldeia ainda não haviam voltado da caça.

O Awaete disse que ia fazer flecha. Antigamente os Awaete usavam o dente de cutia para fazer a ponta da flecha e por isso o Awaete perguntou a sua irmã se havia algum dente de cutia para emprestar para ele fazer suas flechas.

Mas ela não tinha. Explicou que seu marido havia levado o último dente de cutia para a mata para fazer as pontas das flechas dele.

Ela deu para o Awaete uma faca para ele fazer seu arco e as flechas de que precisava. Nesse dia o Awaete conseguiu fazer cinco flechas. Depois ele foi dormir.

No dia seguinte o Awaete perguntou para sua irmã se havia perto da aldeia algum pé de babaçu e se a cutia comia lá. A irmã do Awaete falou que próximo de lá havia somente um pé de inajá. Ela perguntou se ele sabia o caminho. O Awaete disse que sabia como chegar até o pé de inajá.

— Lá tem muitos frutos e a cutia está sempre comendo inajá. Você pode fazer tocaia no pé de inajá para matar a cutia e tirar os dentes dela para fazer suas flechas, disse a irmã do Awaete explicando para ele o caminho até o pé de inajá.

O Awaete ficou o dia inteiro de tocaia no pé de inajá esperando a cutia e nenhuma apareceu. Ele voltou para a aldeia sem nada. Ao vê-lo, sua irmã logo perguntou se ele havia matado a cutia. E ele falou que não apareceu nenhum cutia no pé de inajá.

— Que estranho, sempre vemos cutia correndo embaixo do pé de inajá. Por que elas não vieram hoje? – disse a irmã do Awaete.

Ele falou para a irmã que voltaria ao pé de inajá no outro dia bem cedo para tentar matar uma cutia. E assim o fez.

Na aldeia da onça

No dia seguinte bem cedo o Awaete seguiu para o pé de inajá para matar a cutia. Pouco tempo depois de chegar lá ouviu o passarinho e a onça gritando. Ele olhou para o alto e viu o passarinho Uirapuru, que os Awaete chamam *tiripipina*. Também viu uma onça caminhando em sua direção.

Ao avistar a onça o Awaete pegou o arco e a flecha para matá-la. De repente, quando a onça já estava na mira da sua flecha, ele viu uma mulher.

Surpreso, e sem acreditar no que tinha acabado de ver, o Awaete continuava com a flecha apontada para a mulher. Ele pensou que quando estava mirando na onça a mulher apareceu de repente na frente dela!



Depois de um tempo em silêncio, observando a mulher, o Awaete tomou coragem e falou para a mulher:

— Eu vi uma onça e ia matá-la com a minha flecha. Você apareceu do nada na frente dela! – disse o Awaete.

A mulher disse que não havia visto nenhuma onça. Já irritado o Awaete falou que não acreditava nela, pois ele tinha visto ela aparecer na frente da onça que ele iria matar. A mulher insistiu em dizer que não havia nenhuma onça.



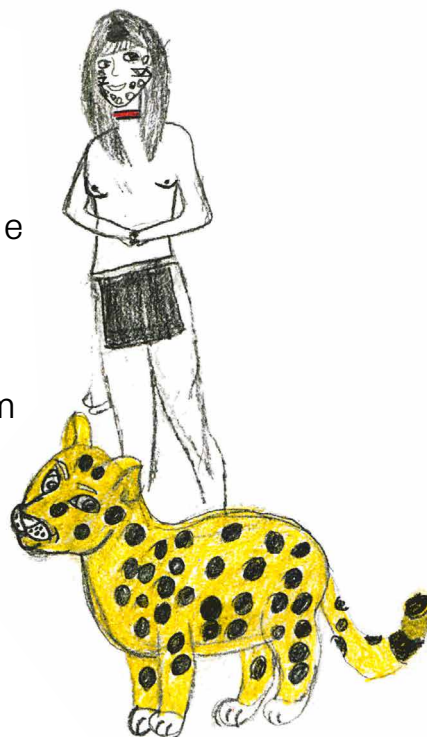
— Será que você era a onça e se transformou em mulher? – perguntou o Awaete. Finalmente a mulher concordou:

Sou eu mesma. Eu era a onça e me transformei em mulher. Eu vim te buscar.

— Primeiro você se transforma em onça. Depois, chega na minha frente e se transforma em mulher e agora quer me levar? – disse o Awaete sem entender o que estava acontecendo.

— Saia da sua tocaia para a gente conversar e eu explico tudo para você – disse a onça.

O Awaete saiu da tocaia e caminhou em direção à mulher. Ela explicou que estava com sua família em uma aldeia ali perto. Havia pouco que estavam morando lá. E disse que tinha ido buscá-lo para morar na aldeia dela.



— Eu não vou – disse o Awaete. Cheguei ontem e faz muito tempo que estou longe da minha aldeia. Não vou sair. Eu vou ficar com meus parentes.

A mulher explicou para o Awaete que ele tinha de ir para casar com ela. Se ele não fosse, o pai dela iria buscá-lo naquele mesmo dia.

— Mas eu não posso sair! Eu acabei de chegar na casa da minha irmã – insistiu o Awaete.

— Não se preocupe – disse a mulher. Depois eu trago você aqui novamente.

Eles ficaram conversando muito tempo assim: a mulher insistindo para o Awaete ir com ela e explicando que, caso ele não fosse, o pai dela viria buscá-lo e matá-lo.

O Awaete, por sua vez, explicava para a mulher que não podia ir porque havia muito tempo que estava longe dos seus parentes e tinha acabado de chegar na casa da sua irmã.

Num dado momento o Awaete aceitou ir com a mulher para a aldeia dela somente se ela promettesse que ele voltaria para visitar os parentes.

— Tudo bem. Depois eu mesma posso vir com você para visitar seus parentes – concordou a mulher.

O Awaete quebrou o seu arco e o colocou no chão. Também deixou algumas flechas no caminho como lembrança para seus parentes e seguiu com a mulher para a aldeia da onça.

No caminho o Awaete observou vários rastros de Awaete. Eram outros Awaete que se transformavam em onça e novamente em Awaete. Isso foi verdade! Assim contava o meu pai antigamente.

Ao se aproximarem da aldeia a mulher gritou chamando sua mãe e dizendo que estava levando o Awaete que seu pai havia pedido para ela levar para a aldeia. Em seguida entraram na aldeia.

A mulher estava segurando a mão do Awaete. Ele estava com medo porque ainda não conhecia a aldeia da onça. Enquanto entravam na aldeia todas as mulheres se aproximavam e conversavam com o casal.

O Awaete observou que somente as mulheres estavam na aldeia. Todos os homens haviam saído para caçar. Ele continuava com medo.

Uma mulher se aproximou do casal e falou para o Awaete:

— Não precisa ter medo, meu povo não é bravo. Nós vamos receber você muito bem.

As mulheres conversaram muito com o Awaete. A sogra dele o agradeceu por ter vindo para a aldeia. Depois as mulheres cortaram o seu cabelo e pintaram todo o seu corpo com tinta de urucum.

Todas as mulheres comentavam que o Awaete era muito bonito e agradeciam pelo pai da mulher-onça ter mandando busca-lo para casar com ela.

Depois que o Awaete já estava todo pintado de urucum e com o cabelo cortado, a sogra dele falou para sua esposa:

— Pega tua rede e amarra na cumieira da casa. Faça um girau lá no alto. Quando teu pai voltar do mato ele sentirá o cheiro do teu marido. Você fique com seu marido lá no alto. Só depois que teu pai descobrir você falará.

A filha seguiu a orientação da mãe. Todos os dias ela atava sua rede na cumieira da casa para dormir com o Awaete. Após alguns dias os homens voltaram da mata. A mãe alertou a filha:

— Seu pai já está vindo! Suba e amarre sua rede lá no alto da casa.

A mulher e o Awaete obedeceram e ficaram quietos na rede lá no alto da casa. Quando o pai dela chegou nem lembrava do que havia pedido para a filha fazer.

Ele entrou na casa e colocou no chão a caça que havia trazido. A mãe da mulher do Awaete preparou a caça para comerem. Enquanto isso os homens da aldeia descansavam.

Quando a comida ficou pronta o pai sentou-se na rede para comer. De repente ele sentiu o cheiro de Awaete na aldeia e perguntou para a mulher quem estava na aldeia dele. Foi a sua filha que respondeu:

— Pai eu trouxe o Awaete que você mandou eu buscar para casar comigo. Ele agora é meu marido.

O pai pediu para a filha levar o Awaete até ele. E a filha respondeu:

Eu vou descer com ele mas você não pode fazer nada para machucá-lo.

O pai concordou, mas alertou:

— Pode descer com seu marido para eu ver. Mas se ele for muito feio eu vou matá-lo.

A mulher e o Awaete desceram, por uma escada, da rede que estava na cumieira da casa. O Awaete desceu com muito medo, pois seu sogro prometeu matá-lo se ele fosse muito feio.

O sogro olhou, observou o Awaete e falou:

— Minha filha, realmente seu marido parece um homem direito. Ele não vai morrer! É muito bonito teu marido, minha filha! – Depois abraçou o Awaete e conversou muito com ele.

— Pai, eu trouxe aquele que as pessoas não gostam na aldeia dele! Eu vou cuidar do meu marido. Agora ele vai ter família, nós vamos ter um futuro. Por isso eu o trouxe para casar comigo e morar aqui. Você pediu para eu buscar um Awaete – falou a esposa do Awaete.

— É verdade, minha filha – disse o pai – eu pedi para você buscar um marido Awaete. Agora ele vai morar conosco!

O sogro mandou que dessem comida para o Awaete e o deixassem descansar um pouco. Em seguida chamou todos da aldeia e disse:

— Esse é o meu genro, ele vai se transformar em onça como nós.

Depois disso foram até o caminho na mata onde o Awaete iria se transformar em onça. Nesse caminho haviam derrubado um pé de castanheira que ficou atravessado na estrada.

Na casa de reuniões da aldeia o pai da mulher do Awaete perguntou quem iria primeiro atravessar por cima do pé de castanheira.

A casa de reuniões era o lugar onde ficavam as pessoas que iriam se transformar em onça. As mulheres acompanhavam até o lugar do pé

de castanheira aqueles que iam se transformar. Mas somente os homens ficavam na casa de reunião.

Já na estrada onde havia o pé de castanheira, o Awaete segurava a mão de sua esposa. Atrás dele havia outros homens, numa fila, que também iriam se transformar em onça.

Começaram a correr as onças. Havia todo tipo de onça. Primeiro foi a onça maracajá, cada onça tem um nome. Havia a onça pintada, onça preta. Antes de correr, o Awaete avisava para sua mulher:

— Lá vai a onça muito grande. É melhor as crianças e as mulheres saírem do caminho e subirem numa árvore!

Quando eles passavam se transformando em onça, as mulheres e as crianças ficavam olhando de cima, lá da árvore onde haviam se abrigado.

A mulher falava o nome da onça em que cada um se transformava. Por exemplo, onça maracajá, que é *haxyoipiwá'e* na nossa língua. Depois o Awaete se transformou em onça vermelha, que nós chamamos *paxepytoga*. Ele falou mais uma vez:

— Lá vai a onça muito grande. É melhor as crianças e as mulheres saírem do caminho e subirem numa árvore. Depois foi a vez da onça pintada, *inimaohoa*. Ele foi correndo e avisou:

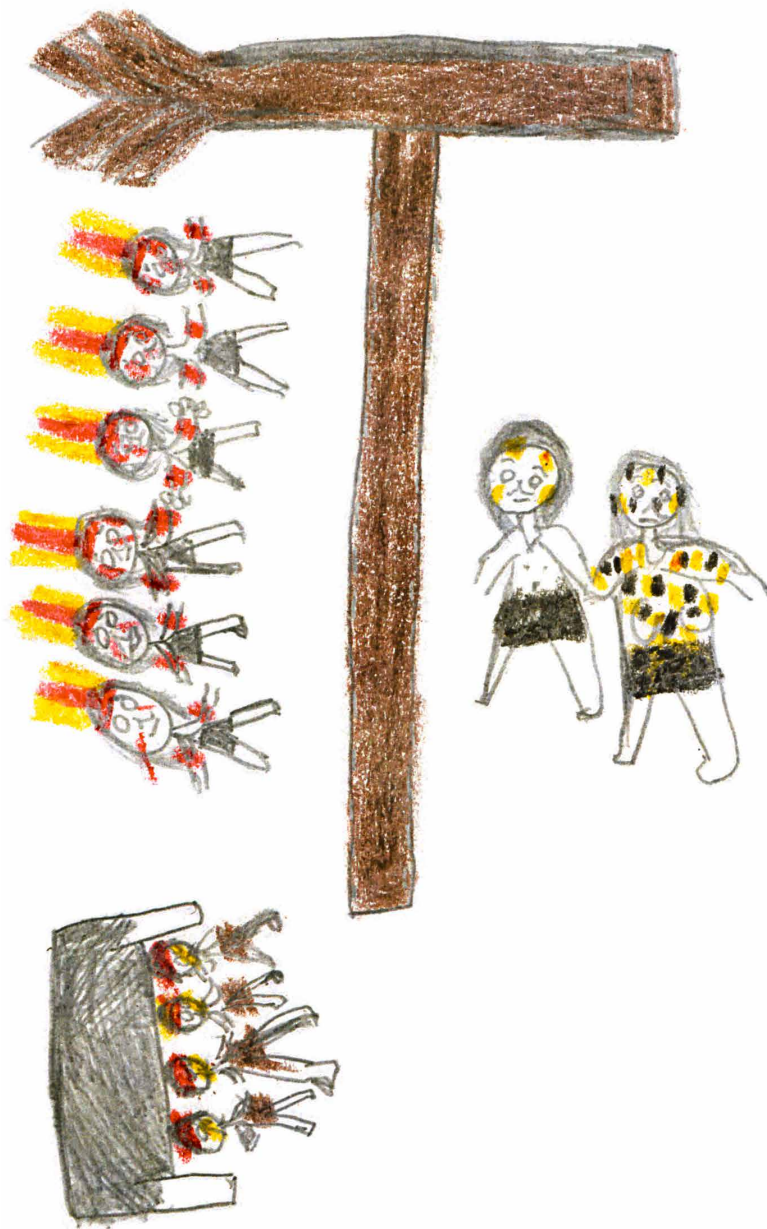
— Lá vai a onça pintada, muito grande. É melhor as crianças e as mulheres saírem do caminho e subirem numa árvore!

O Awaete transformou-se na onça pintada assim que ela passou correndo perto dele. A mulher não gostou dele ter se transformado em onça pintada. Foi até o seu pai e falou:

— Meu pai, eu não queria que meu marido se transformasse em onça pintada. Eu queria que ele fosse uma onça preta, *honowae*.

— Por que? – Perguntou o pai.

— Porque onça pintada briga muito – disse a filha. A onça preta não briga tanto. Não tem muita raiva.



O Awaete transformou-se de onça pintada para Awaete novamente. Foi para o lugar onde havia se transformado em onça pintada. Então a onça preta falou:

— Lá vai a onça preta muito grande. É melhor as crianças e as mulheres saírem do caminho e subirem numa árvore!

Quando a onça passou perto do Awaete ele se transformou em onça preta. Depois subiu em cima de uma castanheira e se transformou em Awaete novamente. Esse era um treinamento.

O Awaete se transformou em onça preta mais uma vez e novamente em Awaete. Dessa vez a filha ficou feliz e agradeceu ao pai por seu marido ter se transformado em onça preta. A onça preta mata muita caça, como a anta e o porcão do mato, para eles comerem.

Depois que o Awaete se transformou em onça-preta, o pai da mulher celebrou o casamento deles dois. O casal teve filho. O tempo foi passando e o Awaete começou a ficar triste. Ele falou para seu sogro:

— Meu sogro, eu queria voltar para minha aldeia, reencontrar meus parentes, pois faz muito tempo que eu estou longe deles.

— Você pode ir – disse o sogro. Mas cuidado, pois você se transformou em onça e seus parentes podem não te reconhecer. Pode acontecer algo ruim com você. Se os Awaete, seus parentes, flecharem você uma vez você vai sobreviver. Mas se flecharem

novamente você morrerá. Tenha cuidado, não deixe nada acontecer com você! Se algo acontecer volte para nossa aldeia e continue morando conosco. Depois ele falou para sua filha:

— Você vai com seu marido para a aldeia dos parentes dele. Ao chegar lá converse direito com todos para que não aconteça nada com meu genro.

O Awaete agradeceu a todos na aldeia da onça e saiu com sua mulher e os filho para procurar a aldeia dos seus parentes.

De repente, na aldeia dos Awaete, uma mulher ouviu o Awaete gritando, chamando de longe. Era a irmã do Awaete. Ela correu ao encontro dele. Ao vê-lo com a esposa e os filho perguntou:

— O que aconteceu que você já voltou?

E, se dirigindo para a mulher, perguntou:

— Foi você que levou nosso irmão embora?

A mulher do Awaete respondeu:

— Sim, fui eu. Porque vocês não estavam cuidando dele aqui. Agora nós casamos, temos filho, a nossa família. Eu vou cuidar dele até ele envelhecer.

O Awaete também contou para sua irmã tudo que aconteceu quando ele estava na tocaia e a onça apareceu, transformando-se numa

mulher em seguida. Contou também que a mulher o levou para a aldeia das onças. Ele explicou como ele também se transformou em onça. Então um irmão do Awaete perguntou que caça ele podia pegar já que se transformava em onça.



O Awaete explicou que podia matar porcão, anta, catitú, qualquer animal. À noite o Awaete contou para todos na aldeia toda a história de como havia conseguido descer do pé de Castanheira e tudo o que tinha vivido até conseguir voltar para sua aldeia.

Um dos parentes falou para o Awaete ficar mais dias na aldeia e eles irem caçar juntos. E disse:

— Você pega muita anta não é? Então amanhã você vai caçar conosco e pegar uma anta para gente ver.

A mulher do Awaete alertou:

— Se vocês o levarem para caçar anta não podem flechá-lo. Tenham cuidado porque ele vai virar onça para pegar a anta, mas vocês não podem flechá-lo!

O irmão do Awaete tranquilizou a mulher prometendo que ninguém iria flechá-lo. Mas, com receio, a mulher reforçou o aviso:

— Meu pai falou que se acontecer alguma coisa com o genro dele é para eu levá-lo de volta para nossa aldeia. E ele não voltará mais aqui. Se vocês cumprirem a palavra de vocês, e não acontecer nada com meu marido, a gente fica morando junto com vocês aqui na aldeia.

Um dos parentes do Awaete afirmou para a mulher que ela podia ficar tranquila e que nada de ruim iria acontecer com o Awaete durante a caçada.

Todos foram dormir. No dia seguinte bem cedo os homens pegaram suas redes e foram para a mata caçar. Antes de saírem a mulher do Awaete falou para todos os homens que iam caçar com o seu marido:

— Cuidado, muito cuidado com o meu marido!

Todos disseram que cuidariam do Awaete e seguiram para a mata. Logo viram rastros de anta e o seguiram. De repente viram a anta passar correndo.

O Awaete se transformou na onça preta e correu atrás da anta. Um pouco mais à frente ele conseguiu pegá-la. Os outros Awaete, que vinham correndo atrás, escutaram a anta gritando. Um deles comentou:

— A onça preta está pegando a anta!

Um dos homens falou que ia matar a onça. Mas os outros Awaete não concordaram dizendo:

— Não, você não pode matar a onça! Ela é o nosso irmão que se transformou e está pegando a anta. Ontem ele falou para nós que se transformaria em onça para pegar a anta.

Mas aquele Awaete que queria matar a onça teimou dizendo:

— Não é nosso parente! É uma onça mesmo. Eu vou matá-la.

Ele correu até encontrar a onça matando a anta. Ao chegar viu a anta já quase morrendo. Então flechou o Awaete-onça muitas vezes.

O Awaete-onça largou a anta e correu para a mata. Quando estava bem longe, se transformou novamente em Awaete e se salvou. Depois voltou para o acampamento onde estavam seus parentes que estavam caçando. Ao chegar lá ele falou:

— O que aconteceu? Ontem eu falei para vocês que eu me transformaria em onça preta para caçar a anta. Falei que vocês não podiam me flechar. Eu falei que não aconteceria nada com vocês! E vocês disseram que não iriam me flechar. Eu acreditei em vocês e vocês tentaram me matar. Vocês me flecharam!

Os Awaete responderam:

— Não fomos nós que te flechamos. Foi teu irmão Wa. Ele que te flechou. Nós falamos para ele não te flechar. Mas ele é teimoso e foi correndo. Viu você pegando a anta. Pensou que era só uma onça e te flechou.



— Ontem nós conversamos sobre isso. Eu expliquei para vocês. E todos vocês afirmaram que não aconteceria nada comigo. Vocês tentaram me matar! – disse o Awaete.

Um dos Awaete falou para deixarem a anta na mata e voltarem para a aldeia. Mas o Awaete que foi flechado falou:

— Não! É melhor tirarmos o bucho da anta e moqueá-la aqui mesmo. Amanhã nós vamos para aldeia.

Já era noite quando os Awaete cortaram, limparam toda a anta e a deixaram moqueando. Eles assaram um pedaço da anta e continuaram no acampamento para dormir na mata. O Awaete que foi flechado avisou aos parentes no acampamento:

— Minha mulher virá atrás de mim ainda hoje.

— Mas como ela vai saber? – Perguntou um Awaete.

— Ela sentiu o cheiro do meu sangue quando eu fui flechado por vocês. O vento levou o cheiro do meu sangue. Ela sentiu o cheiro e logo ela estará aqui! – explicou o Awaete que foi flechado.

Enquanto isso, na aldeia, todas as mulheres e crianças se juntaram para dormir em uma só casa. A mulher do Awaete que se transformava em onça também estava lá atando sua rede

para dormir. De repente ela parou e as outras mulheres perguntaram-lhe o que havia acontecido.

— Eu estou sentindo o cheiro do sangue do meu marido! – respondeu a mulher.

— Como você sabe que é o sangue dele? – Perguntaram as outras mulheres da aldeia.



— Eu sinto. E eu falei para o Wa para não flechar o irmão dele. Eles mataram meu marido! – Disse a mulher.

As outras mulheres, sem entender, perguntaram novamente:

— Como você sente o cheiro?

— Eu sinto o cheiro do sangue do meu marido – explicou a mulher. O vento traz o cheiro do sangue dele. Ontem eu conversei com vocês e com os homens também para que não acontecesse nada com o meu marido. Por favor, cuidem do meu filho. Eu vou atrás do meu marido para saber se ele está vivo ou se o mataram mesmo.

Depois disso a mulher saiu para a mata à procura do seu marido. Quando estava longe da aldeia ela se transformou em onça e continuou correndo e esturrando. Ela seguiu o rastro da anta até se aproximar do acampamento onde estava seu marido.

No acampamento o Awaete que se transformava em onça escutou ao longe sua mulher chamando. Ouviu os esturros dela e falou:

— Minha mulher já está vindo. Eu falei para vocês que ela sentiria o cheiro do meu sangue. Eu vou ficar lá no caminho esperando-a. Quando ela chegar vocês não falem nada. Aguardem que eu vou conversar com ela.

Todos continuaram a ouvir os esturros ao longe. O som ficava cada vez mais perto, mais perto, bem pertinho, até que a mulher chegou ao acampamento.

Eles não viram porque a onça tem a pisada bem macia. O marido dela estava atando sua rede em uma árvore no caminho. A mulher parou no acampamento e falou:

— O que aconteceu com o meu marido? Vocês o flecharam?

Ninguém respondeu. Só o marido, o Awaete que se transformava em onça, falou:

— Foi o Wa que me flechou.

A mulher então reclamou:

— Eu falei com vocês ontem e meu marido também explicou. E vocês garantiram que não iria acontecer nada com ele. Vocês tentaram matar o meu marido! Nós temos filho para criar.

Um dos Awaete respondeu:

— Nós falamos para o Wa que não era para flechar. Mas ele teimou e flechou o irmão. Ele viu a onça comendo a anta e começou a flechar.

A mulher ficou no acampamento ainda muito tempo conversando com os Awaete. O marido dela então falou:

— Pode ficar tranquila. Eu não estou sentindo nada. Eu estou bem.

Os outros Awaete também explicaram tudo e tranquilizaram a mulher. Em seguida ela falou:

— Nós não ficaremos mais na sua aldeia. Amanhã nós iremos embora. O meu pai falou “se acontecer alguma coisa com o meu genro traga ele de volta”. Amanhã cedo nós vamos embora!

Os Awaete parentes do marido dela, falaram:

— Você não pode levar nosso irmão! Fica conosco.

— Não, nós não podemos ficar! Se ficarmos vocês vão acabar matando o meu marido – disse a mulher. Ele morrerá se for flechado novamente.

Depois disso o marido dela falou:

— Agora você pode voltar para aldeia para cuidar do nosso filho. Amanhã eu chegarei lá. Você pode ir e organizar tudo. Nós iremos embora de lá quando eu chegar.

A mulher voltou para a aldeia com muita raiva. Ao chegar lá as outras mulheres perguntaram o que havia acontecido e ela respondeu:

— Meu marido foi flechado! O Wa flechou ele. Mesmo depois de eu explicar e pedir para não fazerem nada com ele. Mesmo assim o Wa flechou meu marido!

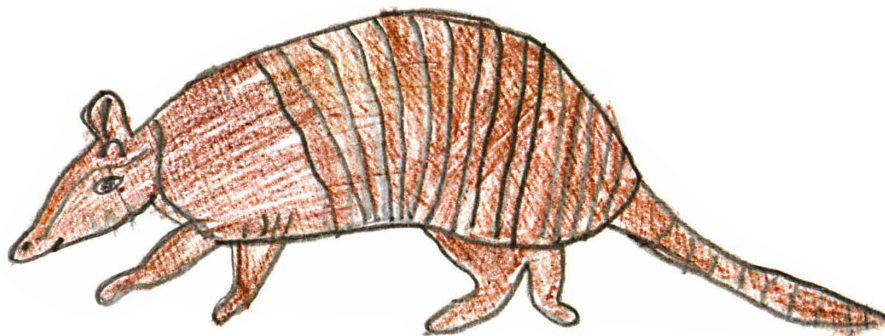
Agora nós vamos embora da aldeia de vocês. Quando meu marido chegar aqui amanhã a gente vai embora.

As mulheres pediram para eles não irem embora. A mulher disse com raiva:

— Eu não vou deixar meu marido morrer aqui nem deixar o meu filho sofrer!

No dia seguinte os homens chegaram da caçada. O Awaete que se transformava em onça chamou sua esposa e filho para irem embora. Os parentes dele ainda insistiram para eles ficarem na aldeia. Mas ele não aceitou. Pegou suas coisas e voltou para morar na aldeia da onça.





MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

MINISTÉRIO DOS
POVOS INDÍGENAS

